

Andréa Wahlbrink Padilha da Silva e Nilda Stecanelá (Org.)

A PRÁXIS EMANCIPATÓRIA DE FREIRE

Estudos, escritas e poemas a partir de um círculo
dialógico na Pós-Graduação em Educação



A PRÁXIS EMANCIPADORA DE FREIRE

ESTUDOS, ESCRITAS E POEMAS A PARTIR DE UM CÍRCULO DIALÓGICO NA PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Andréa Wahlbrink
Padilha da Silva
Nilda Stecanelo

NOTA: Dado o caráter autoral e acadêmico deste livro, o texto publicado respeita as normas e técnicas bibliográficas utilizadas pelo autores/as. A responsabilidade pelo conteúdo do texto desta obra é dos respectivos autores e autoras, não significando a concordância da editora com as ideias publicadas.

IMPORTANTE: Muito cuidado e técnica foram empregados na edição deste livro. No entanto, não estamos livres de pequenos erros de digitação, problemas na impressão ou de alguma dúvida conceitual. Avise-nos por e-mail: editora@dialogofreiriano.com.br

© TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, especialmente por sistemas gráficos, microfílmicos, fotográficos, reprográficos, fonográficos, videográficos. Vedada a memorização e/ou a recuperação total ou parcial, bem como a inclusão de qualquer parte desta obra em qualquer sistema de processamento de dados. Essas proibições aplicam-se também às características gráficas da obra e à sua editoração. A violação dos direitos é punível como crime (art. 184 e parágrafos do Código Penal), com pena de prisão e multa, busca e apreensão e indenizações diversas (art. 101 a 110 da Lei 9.610, de 19.02.1998, Lei dos Direitos Autorais).

Andréa Wahlbrink
Padilha da Silva
Nilda Stecanelo

A PRÁXIS EMANCIPADORA DE FREIRE

ESTUDOS, ESCRITAS E POEMAS A PARTIR DE UM CÍRCULO DIALÓGICO NA PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Diálogo Freiriano
Veranópolis – RS
2024

CONSELHO EDITORIAL

Ivanio Dickmann – Brasil
Adan Renê Pereira da Silva - Brasil
Aline Mendonça dos Santos - Brasil
Fausto Franco Martinez – Espanha
Fátima Stela B. V. Barbosa - Brasil

Jorge Alejandro Santos –Argentina
Marcelo Valente de Souza - Brasil
Miguel Escobar Guerrero - México
Carla Luciane Blum Vestena -Brasil
Ivo Dickmann - Brasil
José Eustáquio Romão - Brasil
Enise Barth – Brasil

EXPEDIENTE

Editor Chefe: Ivanio Dickmann
Diagramação: Gislaine Telles
Capa: Daniel Fernandes
Revisão editorial: Gisele Borges

Esse livro passou pelo processo de revisão por pares dentro das regras da Qualis Livros da CAPES

FICHA CATALOGRÁFICA

P919p A práxis emancipadora de Freire: estudos, escritas e poemas a partir de um círculo dialógico na Pós-graduação em educação. / Andréa Wahlbrink Padilha da Silva, Nilda Stecanelo (Organizadoras). – Veranópolis: Diálogo Freiriano, 2024.

ISBN 978-65-5203-170-9

1. Freire, Paulo, 1921 - 1997. 2. Ensino superior – Brasil. I. Silva, Andréa Wahlbrink Padilha da. II. Stecanelo, Nilda. III. Título.

2024_0731

CDD 378 (Edição 23)

Ficha catalográfica elaborada por Karina Ramos – CRB 14/1056

EDITORA DIÁLOGO FREIRIANO

CNPJ 20.173.422/0001-76
Av. Julio de Oliveira, 295 – Sala 303
CEP 95.330-000 - Veranópolis – RS
Instagram: @editoradialogofreiriano
Whatsapp: [54]99297 8620



APRESENTAÇÃO

Estudos, sentimentos e escritas a partir de um círculo dialógico

Esta publicação acolhe um conjunto de manifestações de escritas de estudantes/pesquisadores ou educandos/educadores, inspiradas em *Cartas Pedagógicas* referendadas nos estudos de Freitas (2021), bem como, instigadas pela forma de comunicação adotada por Paulo Freire ao longo de duas publicações. Freire, em sua trajetória, adota um formato de escrita testemunhal, inquieta, como exercício do diálogo reflexivo por intermédio de um estudo rigoroso e radical do pensamento refletido e compartilhado com seus interlocutores.

Esta obra integra a Coleção Práticas de Pesquisa, a qual é composta por um conjunto de publicações produzidas em diferentes espaços/tempos de formação e organizadas no âmbito do Grupo de Pesquisa Observa e do Observatório de Educação da Universidade de Caxias do Sul.

Os ensaios apresentados neste livro resultam das reflexões e problematizações de um conjunto de estudantes, a partir da participação no Minicurso intitulado “*A Pedagogia de Paulo Freire: aproximações com a práxis*”, realizado no segundo semestre de 2023, em formato quinzenal, nas dependências do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul. Como síntese do estudo desencadeado, os participantes foram convidados a compartilhar suas elaborações e considerações a partir de suas leituras e no diálogo compartilhado durante a realização da referida formação.

Entre os participantes curiosos por conhecer ou por ampliar o diálogo com a práxis emancipadora de Paulo Freire, estavam estudantes do Ensino Médio, da graduação e da pós-graduação em Educação, dispostos em um círculo dialógico, cujo centro mirava para os estudos do legado teórico-prático de Paulo Freire.

Com foco em uma de suas principais obras, a *Pedagogia do Oprimido* de 1968, bem como, suas problematizações, recriações e atualizações para nosso tempo histórico, o debate buscou evidenciar a riqueza do arcabouço teórico freiriano, e as apropriações realizadas a partir da sua obra, tanto no campo teórico, quanto no campo das políticas educacionais e práticas pedagógicas em curso.

A postura adotada nos encontros pautou-se no acúmulo teórico e metodológico da educação popular, no formato de seminário dialógico-reflexivo, a partir de leituras prévias dos textos sugeridos para cada encontro e nos debates gerados coletivamente. As importantes contribuições dos cursistas desenvolveram-se na perspectiva de grupos de discussão na forma dialógica provocativa e propositiva.

Os elementos da cultura popular perpassaram de forma transversal todos os encontros, nos finais de tarde do inverno-primavera do hemisfério sul, ao longo de oito semanas, aproximando os fundamentos da pedagogia de Paulo Freire com o contexto da diversidade da cultura em nosso país, assim como do lugar destacado da mística como fio condutor de transcendência com a arte e a cultura. Na colaboração das reflexões individuais e coletivas, com a leitura de poemas e do registro de imagens, e nas abrangências das relações humanas, emergiram reflexões sobre os diferentes contextos educativos e sobre a diversidade do sujeito social.

As abordagens realizadas durante o minicurso contaram com a problematização analítica das principais categorias contidas na obra referência do estudo e na relação entre os elementos teóricos e metodológicos apresentados pelo autor, tais como: consciência crítica; oprimidos e opressores; diálogo; problematização conscientização; educação bancária; educação libertadora; temas geradores; criticidade; práxis; entre outros.

O método de trabalho que ancorou os nossos encontros fundamentou-se nos “Círculos de Cultura” fruto do acúmulo histórico do Movimento de Educação Popular, com a participação ativa dos cursistas na leitura da obra em conexão com os contextos educativos de atuação de diferentes realidades.

O minicurso possibilitou a reflexão crítica sobre os desafios educacionais da atualidade na contextualização dos principais

conceitos sistematizados pelo autor, em conexão com as reverberações da formação social brasileira e o papel da educação no território Latino-americano. Relevo foi dado à Educação Popular enquanto um projeto de educação contra hegemônica, que se forja no Movimento de Educação Popular, como um conjunto de movimentos de luta pelo direito à educação no país, articulado de um projeto societário mediado por processos educativos construídos pelo povo, a partir de seus interesses de emancipação.

Os debates foram permeados pela ideia da educação como uma ação dialógica, especificamente humana e carregada de compromisso histórico de sujeitos transcedentes. É na práxis que se encontra a coragem da superação da ordem vigente entre o antagonismo de oprimidos e opressores e na radicalidade de construir, desde já, a transformação do mundo. A educação humanizadora é considerada como instrumento de conscientização e como prática da liberdade.

O livro apresenta a escrita de onze cartas pedagógicas em colaboração a onze cartas-repostas, quatro poemas e oito imagens elaboradas pelos autores, como processo criativo desenvolvido em formato de síntese das reflexões decorrentes dos encontros. A escolha das cartas-respostas representa um diálogo das docentes da formação com as cartas produzidas pelos participantes, resultado da produção final dos encontros.

Agradecemos às autoras e aos autores que colaboraram neste livro pelo dedicado compromisso de estudo e reflexão durante as interações estabelecidas no minicurso, especialmente, pela motivação em escreverem suas vivências, mediadas pela carta pedagógica e, na sequência, pelos desdobramentos que culminam com a organização desta obra.

Andréa Wahlbrink Padilha da Silva¹
Nilda Stecanelá²
Organizadoras

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Desenvolve estudo de pós-doutorado em Educação, com bolsa CAPES, no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (PPGEDU/UCS), junto ao Observatório de Educação e ao Grupo de Pesquisa Observa da mesma instituição. E-mail: andreawahlbrink@hotmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8575862926726892>; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4105-1301>

² Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordenadora do Observatório de Educação e do Grupo de Pesquisa Observa da Universidade de Caxias do Sul. Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul. Pesquisadora de produtividade em pesquisa do CNPq. E-mail: nstecane@ucs.br



AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao CNPq pelo apoio através da Bolsa de Produtividade em Pesquisa da Professora Nilda Stecanelo e à CAPES pelo apoio através da Bolsa de Pós-doutorado Estratégico da Professora Andréa Wahlbrink Padilha da Silva.

SUMÁRIO

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| APRESENTAÇÃO..... | 5 |
| AGRADECIMENTOS..... | 8 |
| PREFÁCIO | 15 |
| <i>Paulo Eduardo Dias Taddei</i> | |
| ONDE ANDEI..... | 21 |
| <i>Paola Monteiro De Barros</i> | |
| CANÁRIOS DA TERRA UMA CARTA PEDAGÓGICA À UMA IRMÃ, COMPANHEIRA E PROFESSORA..... | 22 |
| <i>Paola Monteiro De Barros</i> | |
| CARTA-RESPOSTA: À PROFESSORA QUE ANUNCIA UM OUTRO MUNDO POSSÍVEL..... | 29 |
| <i>Andréa e Nilda</i> | |
| UMA PONTE PARA A LINHA ABISSAL..... | 31 |
| <i>Antonio Paulo Valim Vega</i> | |
| A PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE: TRANSFORMANDO QUERERES E PENSARES..... | 33 |
| <i>Antonio Paulo Valim Vega</i> | |
| CARTA-RESPOSTA: POR UMA EDUCAÇÃO QUE ULTRAPASSE FRONTEIRAS | 39 |
| <i>Andréa e Nilda</i> | |
| “QUEM SABE FAZ A HORA, NÃO ESPERA ACONTECER” | 41 |
| <i>Gisele Mazzarollo</i> | |
| CARTA-RESPOSTA: AS LUTAS COLETIVAS DO NOSSO DIA A DIA..... | 45 |
| <i>Andréa e Nilda</i> | |

| | |
|---|-----------|
| DESCONSTRUÇÃO DO FRACASSO | 47 |
| <i>Filipe Florentino</i> | |
| A RELEVÂNCIA DA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO DE PAULO FREIRE | 49 |
| <i>Maria Clair Dos Santos</i> | |
| CARTA-RESPOSTA: A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES EM DIÁLOGO COM PAULO FREIRE..... | 51 |
| <i>Andréa e Nilda</i> | |
| HUMANIZAR SERES HUMANOS..... | 53 |
| <i>Marcus Vinícius Comandulli Ruppental</i> | |
| CARTA-RESPOSTA: A ESCOLHA PELA DEFESA DA HUMANIZAÇÃO | 57 |
| <i>Andréa e Nilda</i> | |
| ESPERANÇAR É LUTAR..... | 59 |
| <i>Kauana Melo.....</i> | |
| CARTA-RESPOSTA: RETOMAR PAULO FREIRE PARA ORGANIZAR A LUTA E A ESPERANÇA | 64 |
| <i>Andréa e Nilda</i> | |
| SOU POEMA, SOU POETA..... | 66 |
| <i>Catarina Mazzarollo Lorandi</i> | |
| AOS ARTISTAS OPRIMIDOS, INDIGNADOS COM O SISTEMA OPRESSOR.... | 67 |
| <i>Catarina Mazzarollo Lorandi</i> | |
| CARTA-RESPOSTA: A ARTE DE EDUCAR EM COMUNHÃO | 69 |
| <i>Andréa e Nilda</i> | |
| PARA SANAR A ESCASSEZ DE PAULO FREIRE..... | 71 |
| <i>Talyta Marcon</i> | |
| CARTA-RESPOSTA: PAULO FREIRE,ENTRE O ESQUECIMENTO E A DIFAMAÇÃO | 73 |
| <i>Andréa E Nilda</i> | |

| | |
|--|-----------|
| UMA MISTURA DE AMOR E REVOLTA: UM APELO, PELAS NOSSAS CRIANÇAS | 75 |
| | |
| Gabriela Pinheiro Slaviero | |
| CARTA-RESPOSTA: À EDUCADORA QUE ESCREVE, ENCHARCADA DE REVOLTA E AMOROSIDADE | 80 |
| | |
| Andréa e Nilda | |
| O DIÁLOGO POSTO EM REFLEXÃO: A LINHA, A AGULHA, O TECIDO E A MÃO | 82 |
| | |
| Cristina Benedetti | |
| CARTA-RESPOSTA: O DIÁLOGO COMO FIO CONDUTOR QUE TECE UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA | 86 |
| | |
| Andréa e Nilda | |
| MANDALA DE PAULO FREIRE | 88 |
| | |
| Paola Monteiro De Barros | |
| PAULO FREIRE: SEMPRE É TEMPO DE CONHECER! | 90 |
| | |
| Maria De Fátima Fagherazzi Pizzoli | |
| CARTA-RESPOSTA: POR UMA EDUCAÇÃO DE CORPO INTEIRO | 93 |
| | |
| Andréa e Nilda | |
| REFERÊNCIAS | 96 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 98 |

PREFÁCIO

Escrever o prefácio de um livro é sempre motivo de honra e alegria. Honra, porque considero uma deferência, embora, neste caso, imerecida. Uma deferência generosa. Alegria, porque, dentro de minhas invencíveis limitações, poderei de alguma forma prestar alguma contribuição sobre um tema tributário de meu apreço, que é o estudo de Paulo Freire. A generosidade a que me referi parte da Professora Doutora Andréa Wahlbrink Padilha da Silva, minha colega no Observatório do Campo, no Mestrado em Educação da UFPel, na coordenação do I Seminário Internacional e Regional da Educação do Campo – SIFEDOC, parceira de publicação, participação/atuação em eventos sobre educação e colega nos grupos Movimentos Sociais e Educação (MoVse) - UFPel e Trabalho, movimentos sociais e educação (TRAMSE) - UFRGS, ambos sob a coordenação de nossa querida e imortal orientadora Professora Doutora Conceição Paludo, a quem saúdo deixando minhas homenagens e meus agradecimentos. Fomos privilegiados, prezada colega Andréa. CONCEIÇÃO PALUDO: PRESENTE!

Quero, ainda, parabenizar as/os envolvidas/os neste projeto de enorme significado para uma práxis educacional libertadora, que revisita as cartas pedagógicas de Paulo Freire, em um diálogo existencial e reflexivo, em que se fazem presentes, através de cartas, poemas e imagens, a leitura da palavra e do mundo, do texto e do contexto, do livro e

da realidade. O livro é um instrumento de exercício da práxis na perspectiva freiriana³.

Parabéns, a todas e a todos as/os envolvidos neste trabalho. Um trabalho relevante, atual e significativo, que fornece valorosos subsídios para o debate sobre educação libertadora.

É relevante porque é um trabalho que trata do pensamento de Paulo Freire. Destarte, neste diapasão, quanto à relevância, parece-me prescindível qualquer comentário. Paulo Freire é um gigante e por ser um gigante sofreu (e ainda sofre) uma sucessão de impropérios contra sua pessoa e sua obra por pessoas que mal compreendem as razões do seu reconhecimento nacional e internacional.

O trabalho é atual porque diante do quadro assustador porque passa o país e o mundo, com o retorno e a ascensão do que existiu de pior na história do século passado, publicar uma obra de matriz freiriana é como construir barricadas gnosiológicas contra o avanço do retrocesso, do atraso, do reacionarismo, da estupidez, do ódio e da barbarie. Contra, portanto, a ascensão da extrema direita que em conluio com o neoliberalismo está infestando ideologicamente a política, a religião, a cultura, a ciência, a moral e a educação. É como se uma “horda de bárbaros” emergisse subitamente da última grande crise do capitalismo, a quebra de dois mil e oito, repetindo, agora como

³ Em material enviado pelo Professor Avelino da Rosa Oliveira é demonstrado que o correto é o uso da expressão “freiriano”, como designativo de Paulo Freire, e não “freireano”, conforme consta no seguinte fragmento: “Quanto à regra geral de composição de vocábulos com o sufixo *-ano*, assim ensina o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa: ‘(-iano) terminação em que se inclui (no masc. e no fem.) o suf. *-ano* (ver) e, eventualmente, a term. *-ano*; o *-i-* que antecede a term. ou o suf. nas form. de adj. ou subst. alterna por vezes com *-e-*, lavrando uma vacilação há muito tempo (*ciceroneano/ciceroniano* etc.), a partir de 1911, pelo menos, vem impondo-se, no âmbito da língua de cultura, a regra segundo a qual só se escreverá *-eano* quando a sílaba tônica do derivante for um *-e-* tônico ou ditongo tônico com base *-e-* ou, por fim, em que, mesmo átono, o *-e-* for seguido de vogal átona: *arqueano* (Arqueu) *cuneano* (Cúneo), *daomeano* (Daomé), *egeano* (Egeu), *galileano* (Galileu), *lineano* (Lineu); os demais serão sempre em *-iano* - *acriano*, *camiliano*, *ciceroniano*, *eciano*, *freudiano*, *zwingliano* etc.; em conexão, veja-se que se faz *hugoano* (Victor Hugo), mas *peruano* (Peru) - exemplos esses que podem servir de padrão para ocorrências morfológicas acaso semelhantes’. Deste modo, embora o derivante *Freire* seja terminado por *-e*, este não é tônico, nem base de um ditongo tônico, não se justificando, portanto, outra forma senão *freiriano*” (Nota de rodapé extraída de minha dissertação apresentada na Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Pelotas (TADDEI, P. E. D. Marx e Freire: a exploração e a opressão nos processos de formação humana. UFPel. 2014).

farsa, a tragédia de mil novecentos e vinte e nove, quando ocorreu a quebra de bolsa.

É significativo porque o exercício regular da práxis freiriana pode, através das categorias do diálogo, da conscientização, da utopia, da amorosidade, da ética, da politicidade, da pronúncia da palavra e da esperança, servir como uma autodefesa para as práticas antidialógicas que vêm se disseminando no Brasil e no mundo nos últimos anos. É uma barreira epistemológica para proteger os/as oprimidos/as da barbarie que se expande.

A “serpente” voltou a chocar seus ovos pelo mundo. Marx (2011, p. 25)⁴, no início de “O dezoito de Brumário de Luís Bonaparte”, afirma:

Em alguma passagem de suas obras, Hegel comenta que todos os grandes fatos e todos os grandes personagens da história mundial são encenados, por assim dizer, duas vezes. Ele se esqueceu de acrescentar: a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa.

A frase de Marx serve muito bem para representar este momento histórico, no qual fantasmas do passado retornam para nos assombrar. Uma parte do Brasil assiste atônita à repetição de tragédias do passado, como a volta do fascismo, agora em relação espúria com o neoliberalismo e o neofarisaísmo. A outra parte é protagonista desse espetáculo macabro, um expressivo segmento da população que rompeu com a realidade em nome de uma grande farsa que pisoteia os valores mais elementares da tradição humanista.

O terceiro milênio traz em seu bojo, na sua primeira quinzena, a atualização de práticas político-ideológicas que devastaram a Europa do princípio dos anos vinte ao final dos anos quarenta do século XX. A história está se repetindo como farsa através da disseminação de discursos de ódios, do uso indiscriminado e ilimitado de informações falsas, do messianismo político-ideológico, da construção narrativa de um inimigo comum, do chauvinismo, do ufanismo telúrico, da xenofobia, da homofobia, da misoginia, do racismo, do negacionismo, do ataque aos educadores e educadoras, do revanchismo, do autoritarismo, dentre tantos outros problemas reais que afligem nosso cotidiano.

⁴ MARX, Karl. O 18 de brumário de Luís Bonaparte. - [tradução e notas Nélio Schneider]. - São Paulo: Boitempo, 2011. (Coleção Marx-Engels).

Este livro, portanto, se constitui em um valioso arsenal teórico-metodológico para combater, sem tréguas, todas as mazelas anteriormente mencionadas.

A práxis em Paulo Freire é ética e esperançosa. Seu discurso ético e esperançoso é corroborado por uma prática que também é ética e esperançosa. Uma prática ensopada de intermináveis lutas para a construção de um mundo mais justo, mais ético e mais humano. A marca registrada de Paulo Freire é a coerência entre o que diz e o que faz. A coerência o legitima como um dos maiores educadores da história.

O futuro, em Freire, é possibilidade e não determinação. Não há espaço para fatalismos ou determinismos mecanicistas e dogmáticos, como estamos assistindo nos últimos anos. Reconhece, no entanto – e não poderia ser diferente – a influência dos condicionamentos no processo histórico e social de libertação do oprimido e da oprimida.

Freire, ao denunciar as contradições que obstaculizam os processos de libertação, condicionando, em alguma medida, o trabalhador e a trabalhadora, anuncia, também, as possibilidades de superação desses condicionamentos. Com efeito, a utopia em Freire é, simultaneamente, denúncia e anúncio. Denúncia de uma situação antidialógica e anúncio das possibilidades de sua superação através de uma práxis libertadora, que acontece na história dos homens e das mulheres, pela transição de uma consciência mágica para uma consciência crítica, problematizadora.

A ação educativa engajada, comprometida com a libertação das classes populares, possibilita a transitividade da consciência. É, pois, na história o que o homem e a mulher podem realizar a vocação ontológica de *ser mais*. Jamais fora dela.

A educação é *práxis* que se desenvolve nas relações dos homens e das mulheres, entre si e com a natureza. O mundo é um espaço de relações. Nem os homens nem as mulheres estão isolados nessa relação, nem tampouco a natureza. Destarte, mundo e seres humanos se articulam em um devir dialético permanente, formando uma unidade que é síntese de múltiplas determinações.

Segundo Freire, a conscientização, conforme referido anteriormente, é construída na *práxis* humana. *Práxis*, compreendida como a síntese entre a ação e a reflexão sobre o mundo, para transformá-lo.

Só podemos assumir uma posição utópica frente à realidade – que é uma realidade opressora – à medida em que tenhamos consciência dessa mesma realidade. Dessa forma, a utopia como denúncia de uma condição de opressão e anúncio da possibilidade de sua superação, que permite entender o futuro como possibilidade e não como determinação, exige a presença da consciência crítica. Com efeito, o oprimido imerso na situação de opressão, com uma consciência mágica – no máximo ingênua –, não tem como vislumbrar o futuro como possibilidade, mas como determinação, o que se constitui em um obstáculo para a realização de sua vocação ontológica de ser mais, de ser sujeito de sua própria história, agente de sua libertação, em conjunto com outros(as) oprimidos(as), e não como objeto, como acontece a quem permanece imerso(a) na consciência mágica ou ingênua.

Para Freire, portanto, a utopia é um ato de conhecimento. Ela exige conhecimento crítico, pois só posso denunciar aquilo que conheço e, conhecendo, posso anunciar sua transformação. A utopia, dessa forma, torna concreta a perspectiva freiriana de educação como um ato gnosiológico.

O modelo formativo freiriano é crítico e progressista. Suas análises e síntese são formuladas a partir da experiência, dentro de um contexto concreto, de uma realidade objetiva, no âmbito de uma dada conjuntura histórica, cultural, política e socioeconômica. Daí a importância do presente livro na conjuntura atual, em que a realidade objetiva cede lugar ao gosto: só é real aquilo que eu gosto; o que eu não gosto não existe. É o reino do subjetivismo, do relativismo ontológico e do ceticismo epistemológico. O abstrato toma lugar do concreto. O conhecimento sistematizado cede lugar ao senso comum. A moral é seletiva e a verdade nada mais é do que um consenso entre os jogadores de um jogo de linguagem. Por exemplo, o consenso acerca do discurso da Terra plana.

Vislumbro que diante do quadro que estamos vivendo, teremos uma caminhada muito difícil pela frente. Estamos nos primórdios de uma distopia? É possível. A despolitização, a falta de consciência de classe, o negacionismo só podem ser superados com educação de qualidade. E quando falo de educação de qualidade, falo de educação crítica e problematizadora, que não se encontra, por exemplo, nas escolas cívico-militares, nem no malfadado Novo Ensino Médio, nem nas escolas

em que a educação é vendida como mercadoria. Hoje a educação no Brasil é norteada pelos grandes interesses do capital, uma educação a serviço do modo de produção dominante.

A proposta de educação freiriana nos oferece os meios para o enfrentamento da realidade presente, no sentido de um salto epistemológico, para que voltemos a vislumbrar o futuro como esperança e não como determinação, um futuro que não nos negue a possibilidade de ser mais.

Paulo Eduardo Dias Taddei⁵

⁵ Doutor e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pelotas. Docente efetivo no Instituto Federal Sul, Campus Pelotas.



ONDE ANDEI

Escrevo num exercício de acolhimento:
de quem eu sou, de onde andei, do meu caminho.

Escrevo porque escrever liberta,
é palavra desvelada, mundo pronunciado, direito de ser.

Escrevo e me sinto ampla, larga, aberta,
sem eira nem beira, sem começo nem fim.

Escrevo e, ao escrever, bordo pontos, tramas e tessituras,
uso as palavras como linhas, desfaço nós, uso cores, componho paisa-
gens.

Assim, se a escrita é meu desabafo, o nó na garganta desfeito,
o suspiro que pode ser dado,
a leitura é a seiva que nutre, que encharca e transborda,
que flui e dá forma e sentido ao mundo que escrevo.

Paola Monteiro de Barros



CANÁRIOS DA TERRA UMA CARTA PEDAGÓGICA À UMA IRMÃ, COMPANHEIRA E PROFESSORA

Paola Monteiro de Barros⁶

Palavra e som são meus caminhos pra ser livre
E eu sigo, sim
Faço o destino com o suor de minha mão
Bebi, conversei com os amigos ao redor de minha mesa
E não deixei meu cigarro se apagar pela tristeza
Sempre é dia de ironia no meu coração
Sempre é dia de ironia no meu coração
(Artista: Belchior, Música Não leve Flores, álbum Alucinação, 1976)

Querida irmã, inicio a escrita desta carta em uma manhã chuvosa de primavera. Da janela da minha sala, observo um casal de canários da terra, que canta alegremente enquanto faz seu ninho no telhado da escola, voando entre os pingos de chuva grossa que caem sem trégua. Podendo optar por qualquer uma das muitas árvores que cercam a escola, penso qual o motivo de terem escolhido esse lugar. O alegre casal passa a manhã entre voos, cantorias e bicadinhos, trazendo gravetos, pousando nas janelas, nos muros e nas cercas, observando os movimentos de todos. Apesar do barulho e da agitação, ainda assim persistem na sua construção.

Engraçado pensar que já é o segundo ano que voltam a esse mesmo lugar para fazer seu ninho na primavera...um cantinho embaixo da calha do telhado da escola, junto ao pátio onde acontecem os

⁶ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul. Professora da Rede Municipal de Educação de Caxias do Sul. Licenciada em História e Especialista em EJA pela UCS. E-mail: pmbarros@ucs.br

recreios, as festas, a entrada e a saída dos estudantes, pais e professores. Um lugar agitado. Um lugar pleno de vida.

PARTE I - recordando a vida, nosso que fazer e nossa inconclusão humana

Tenho vinte e cinco anos
De sonho e de sangue (*e de escola*)
E de América do Sul
Por força deste destino
Um tango argentino
Me vai bem melhor que um blues

(Artista: Belchior, Música À palo seco, álbum Alucinação, 1976)

Te conto isso, porque talvez sejamos um pouco como essas aves... fizemos ninhos nas escolas durante muitas primaveras. A graça e a beleza dos canários no seu fazer, mesmo que na imersão pura e simples, inerente aos animais, me faz refletir sobre as nossas vidas. Ano após ano, podendo escolher outros espaços, escolhemos a educação e, a partir dela, emergimos e nos descobrimos seres históricos, inconclusos. “Na verdade, diferentemente dos outros animais, que são apenas inacabados, mas não são históricos, os homens se sabem inacabados. Têm a consciência de sua inconclusão.” (Freire, 1983, p. 83)

Nesta escrita vais perceber que retomei as leituras de Paulo Freire. Isso se deu por dois motivos: o curso que faço, onde estamos estudando a obra “*Pedagogia do Oprimido*” e o momento de mudanças profundas que estou vivendo. Essas duas questões se imbricam de tal modo, que me levaram a pensar e ressignificar “os nossos quarenta e poucos anos de sonho e de sangue e de América do Sul”, parafraseando Belchior, a partir das nossas vivências e das leituras que retomei.

Quero te contar um pouco do que tenho refletido, já que escrevo sobre experiências que são também tuas, já que foste minha companhia nessa vida dedicada à educação, já que juntas mudamos e aprendemos tanto nestes tempos idos, já que te vi crescer em grandeza e idade, e cresci contigo. Lembro de nossos diálogos e reflexões sobre a educação e a vida, quando sonhávamos em mudar o mundo... nessas trocas construímos nossa práxis, e através dela realizamos nossa vocação de “ser mais”, aquela que, segundo Freire, se firma no propósito da produção e transformação concreta do mundo, em convivência com o outro. Paulo Freire diz que:

[...] homens são seres da práxis. São seres do que fazer, diferentes, por isto mesmo, dos animais, seres do puro fazer. Os animais não “admiram” o mundo. Imergem nele. Os homens, pelo contrário, como seres do que fazer, “emergem” dele e, objetivando-o, podem conhecê-lo e transformá-lo com seu trabalho. (Freire, 1983, p. 145)

Foi na educação que descobrimos o nosso trabalho como nosso “que fazer”. Não o fazer automático dos animais, mas o “que fazer” ontológico dos homens e mulheres em busca do ser mais. Não o trabalho como força a ser vendida, explorada, mas o trabalho no sentido humano de ação e transformação da natureza e com os homens. Não poderíamos ter escolhido outro caminho senão a educação libertadora, pois somente ela reconhece tanto os homens e as mulheres quanto a sociedade, como inacabados e, por isso, passíveis de problematização e transformação (Freire, p.83).

Aí se encontram as raízes da educação mesma, como manifestação exclusivamente humana. Isto é, na inconclusão dos homens e na consciência que dela têm. Daí que seja a educação um que-fazer permanente. Permanente, na razão da inconclusão dos homens e do devir da realidade. (Freire, 1983, p. 83)

PARTE II - nossos caminhos na superação e conciliação da dicotomia

Se você vier me perguntar por onde andei
No tempo em que você sonhava
De olhos abertos, lhe direi
Amigo, eu me desesperava
Sei que assim falando pensas
Que esse desespero é moda em '76
Mas ando mesmo descontente
Desesperadamente, eu grito em português
(Artista: Belchior, Música À palo seco, álbum Alucinação, 1976)

Tu ainda te lembras do tempo em que éramos apenas estudantes, desvendando o mundo dentro da escola, com olhos que olhavam admirados para as professoras? Lembras de quando iniciamos nosso trabalho como professoras, da necessidade de acolher estes mesmos olhares? Da responsabilidade que imediatamente assumimos ao perceber que em nós enxergavam a docente, enquanto ainda nos sentíamos estudantes? Uma contradição que sabíamos ter que ser superada, dois personagens fadados a se conciliar, conectar e complementar, reconhecidos nas suas potências e fragilidades.

Penso que ao longo de todos estes anos avançamos na superação desta dicotomia, compreendendo que “a razão de ser da educação

libertadora está no seu impulso inicial conciliador. Daí que tal forma de educação implique na superação da contradição educador-educandos, de tal maneira que se façam ambos, simultaneamente, educadores e educandos.” (Freire, 1983, p. 67)

Será que aprendemos a crer nos homens e mulheres, meninos e meninas que cruzamos nas primaveras da vida, a criar novas relações não desumanizantes na superação da dicotomia educador-educando? Penso que em nossa caminhada como educadoras tenhamos conseguido priorizar a construção de relações dialógicas, amparadas pela escuta atenta, pela orientação persistente, encontrando nossos alunos como seres de pleno potencial. Como professoras, procuramos seguir a práxis do educador humanista, revolucionário, da qual Freire nos fala:

Sua ação, identificando-se, desde logo, com a dos educandos, deve orientar-se no sentido da humanização de ambos. Do pensar autêntico e não no sentido da doação, da entrega do saber. Sua ação deve estar infundida da profunda crença nos homens. Crença no seu poder criador. (Freire, 1983, p.71)

Assim, agindo na realidade concreta, longe da mitificação vazia da situação opressora, nas denúncias das situações limite e nos anúncios de novas possibilidades, ainda que muitas vezes desesperadamente, gritamos por um novo porvir, mais humano e mais igual.

PARTE III - conhecendo o inimigo e compreendendo a radicalidade

Tenho falado à minha garota, meu bem
Difícil é saber o que acontecerá
Mas eu agradeço ao tempo
O inimigo eu já conheço

Sei seu nome, sei seu rosto, residência e endereço
A voz resiste, a fala insiste, você me ouvirá

A voz resiste, a fala insiste, quem viver verá

(Artista: Belchior, Música Não leve Flores, álbum Alucinação, 1976)

Um dos apontamentos de Freire me levou a questionar se tivemos sorte de juntas termos começado a desvelar a realidade desde cedo, já que nunca aceitamos a ilusão conformista do sistema opressor. Segundo ele:

Esta reflexão sobre a situacionalidade é um pensar a própria condição de existir. Um pensar crítico através do qual os homens se descobrem em “situação”. Só na medida em que esta deixa de parecer-lhes uma realidade espessa que os envolve, algo mais ou menos nublado em que e sob que se acham, um beco sem saída que os angustia e a captam como a situação objetivo problemática em que

estão, é que existe o engajamento. Da imersão em que se achavam, emergem, capacitando-se para inserir-se na realidade que se vai desvelando. (Freire, 1983, p.119)

Mesmo tateando às cegas qual caminho deveríamos seguir, as contradições que iam se apresentando aos nossos olhos exigiam uma postura radical de cada ação e cada reflexão que fazíamos para a transformação da nossa prática cotidiana. Em Freire encontro a explicação dessa nossa radicalidade, no sentido de buscar a raiz do que se apresenta, quando ele nos diz:

Daí, esta exigência radical, tanto para o opressor que se descobre opressor; quanto para os oprimidos que, reconhecendo-se contradição daquele, desvelam o mundo da opressão e percebem os mitos que o alimentam – a radical exigência da transformação da situação concreta que gera a opressão. (Freire, 1983, p.38)

Será que nós deixamos levar pelo verbalismo, ou atropelamos a reflexão com nosso desventurado ativismo? Algumas vezes acho que sim, embora sempre tenhamos tido a certeza de que “não há revolução com verbalismo, nem tampouco com ativismo, mas com práxis, portanto, com reflexão e ação incidindo sobre as estruturas a serem transformadas” (Freire, 1983, p.146). Essa foi a nossa busca.

Por isso também sei que cada erro cometido, trazido à luz em diálogo e tensionamento com a realidade, nos fez emergir em uma nova consciência problematizadora. Ernani Maria Fiori, no prefácio do livro *Pedagogia do Oprimido*, esclarece que:

ninguém se conscientiza separadamente dos demais. A consciência se constitui como consciência do mundo. [...] As consciências não se encontram no vazio de si mesmas, pois a consciência é sempre, radicalmente, consciência do mundo. Seu lugar de encontro necessário é o mundo. (Freire, 1983, p.09)

Quero aqui relembrar o quanto foi bela nossa caminhada e quanta amorosidade carregamos em nossas batalhas. “Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo.” (Freire, 1983, p.94). Quanto lutamos para desmistificar a realidade opressora, para libertar-nos tanto do opressor externo, que reconhecemos em cada ato de injustiça que nos deparamos, negando com sua necrofilia a vida aos estudantes, aos pais e a nós mesmas, quanto do opressor interno, introjetado, aderido. Antes de cairmos no erro de tecer acusações, nós apoiamos no reconhecimento desta dualidade:

É esta dualidade, [...], a que explica os invadidos e dominados, em certo momento de sua experiência existencial, como um eu quase

“aderido” ao tu opressor. É preciso que o eu oprimido rompa está quase “aderência” ao tu opressor, dele “afastando-se”, para objetivá-lo, somente quando se reconhece criticamente em contradição com aquele. (Freire, 1983, p.179)

Nas primaveras da vida, buscando junto com os nossos o caminho da educação libertadora (com eles e não para eles), no objetivo da transformação da realidade opressora (da realidade e não deles), nós construímos educadoras humanistas e revolucionárias, já que “para o educador humanista ou o revolucionário autêntico a incidência da ação é a realidade a ser transformada por eles com os outros homens e não estes.” (Freire, 1983, p.99)

Com a clareza que tenho agora de todos esses momentos passados e vividos, te agradeço por ter compreendido minhas fraquezas, as palavras duras que talvez tenha proferido, os momentos em que minha indignação, na impossibilidade de engendrar a mudança, desferiu golpes contra nós mesmas.

PARTE IV - a revolução como caminho

Tudo poderia ter mudado, sim
Pelo trabalho que fizemos, tu e eu
Mas o dinheiro é cruel
E um vento forte levou os amigos
Para longe das conversas, dos cafés e dos abrigos
E nossa esperança de jovens não aconteceu
E nossa esperança de jovens não aconteceu, não, não
(Artista: Belchior, Música Não leve Flores, álbum Alucinação, 1976)

Ando me sentindo cansada. Vejo que depois de tanto tempo de caminhada ainda há tanto a fazer e tenho me questionado se um dia chegaremos nos, oprimidos em libertação, ao poder. Imagino que também estejas exaurida, depois de tudo o que se passou no Brasil nos últimos anos - pandemia, governo de extrema direita, retrocessos econômicos e culturais. Mas ambas sabemos que a revolução é caminho e não chegada, pois é processo de transformação e libertação humana, “porque a revolução tem, indubitavelmente, um caráter pedagógico que não pode ser esquecido, na razão em que é libertadora ou não é revolução”. Assim, “a chegada ao poder é apenas um momento, por mais decisivo que seja.” (Freire, 1983, p.159)

Espero que as reflexões que fiz nesta carta, acerca da leitura da Pedagogia do Oprimido, de Freire, possam nos proporcionar novos diálogos. Pensar nosso caminho e nossas vidas me permite enxergar que

as lutas que travamos valeram a pena e que avançamos na concretização da nossa vocação humana em “Ser mais”. Como os canários que enxergo da minha janela, insistindo a cada primavera em fazer seu ninho na escola, pois esta é sua vocação, nossa insistência em viver uma educação libertadora se explica sendo a nossa vocação e ontologia, porém consciente e histórica.

Deixo uma última frase do nosso querido Paulo Freire, como um esteio para nos dar força em nosso caminho “Movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero.” (Freire, 1983, p.97). Não estamos derrotadas, pois sabemos da nossa espera em ação e esperança.

Seguimos na luta, minha irmã, companheira e professora!

Não cante vitória muito cedo, não
Nem leve flores para a cova do inimigo
Que as lágrimas do jovem
São fortes como um segredo
Podem fazer renascer um mal antigo
(Artista: Belchior, Música Não leve Flores, álbum Alucinação, 1976)

Com amor freiriano

Paola Monteiro de Barros

CARTA-RESPOSTA: À PROFESSORA QUE ANUNCIA UM OUTRO MUNDO POSSÍVEL

Não eu não sou do lugar
Dos esquecidos
Não sou da nação
Dos condenados
Não sou do sertão
Dos ofendidos
Você sabe bem
Conheço o meu lugar

(Artista: Belchior. Música: Conheço o meu lugar. Álbum: Era uma vez um homem e seu tempo, 1979)

Querida Paola!

Sua carta nos emocionou fortemente com sua escrita poética e profunda. Dentre tantas coisas bonitas, trazemos para esse diálogo alguns pontos em destaque da abordagem da sua carta. Primeiro, pelas escolhas das epígrafes, assim como você, gostamos muito desse “rapaz latino-americano sem dinheiro no banco, sem parentes importantes e vindo do interior”. Belchior é um desses cantantes de nossa América Latina profunda marcada por extremas desigualdades na periferia do capitalismo. A escolha das músicas e a forma como você as relacionou com a escrita da carta criaram lindas conexões.

Segundo, destacamos essa forma amorosa e reflexiva da interlocução que você realiza com a sua irmã. Ficamos aqui imaginando a relação de vocês, e a potência que pode ser partilhar a vida com os irmãos que, além de vivenciar o cotidiano familiar, compartilham utopias e sonhos possíveis. Duas irmãs que encontram na Educação o lugar da reflexão-ação em um mundo que seja verdadeiramente humano.

Destacamos o lugar da escola, e o seu lugar enquanto essa educadora-educanda, que retoma Paulo Freire em tempos de muitas mudanças. Dessa profissional/trabalhadora da educação, que se

compromete com o amanhã, com o seu fazer histórico, político e educativo de construir desde já os caminhos de transformação radical das condições de oprimidos e opressores, mesmo que, cotidianamente, sejamos atravessados por tantos ‘nãos’. Mas, assim como Freire, seguimos teimando no otimismo. Certamente, um otimismo crítico e portador da liberdade dos oprimidos.

Finalizamos, compartilhando também com Belchior em sua canção ‘Alucinação’, a qual nos parece sintetizar os caminhos para refletir sobre nossa ontologia, quando destaca que “amar e mudar as coisas” nos interessam mais. Seria essa nossa alucinação diária, nosso antídoto para a vocação do ser mais, como anuncia Freire? Pensamos que sim. Significa entender a vida em sociedade como um movimento histórico em permanente construção, onde a mudança, a inquietação, a pedagogia da pergunta, nos levam a tensionar um pensamento pedagógico que conduz o educador a engajar-se socialmente e politicamente na ação pelas transformações das mudanças necessárias.

Paola, agradecemos a oportunidade de ter te conhecido e re-encontrado, bem como de termos realizado tantas trocas em nossos encontros. Nos alegra em saber que ainda nos veremos bastante e que poderemos desfrutar de muitos momentos juntas.

Abraços Freirianos

Com carinho,

Andréa e Nilda

UMA PONTE PARA A LINHA ABISSAL

De um lado da linha abissal
Estão todas as verdades
As malditas verdades
Lá está tudo que é visível
Intercambiando
Uma agenda corruptível
Com base na legalidade
A realidade objetiva, a distinção
O capital, os juízos
As crenças, a zona colonial
A escravidão
Os modelos perversos
Que se negam a sair de cena
O opressor
Do outro lado da linha abissal
Está tudo que faz parte do ciclo perpétuo
Modernizado
Manifestações grotescas
A visibilidade ampliada
O pensamento hegemônico
A violência, a discriminação
A ilegalidade, o direito garantido
Mas não sancionado
A afronta às humanidades
A violência
A opressão
Nessa cartografia... num lado está o sujeito
no outro o ser objetificado.
Precisamos construir a ponte
Que comunica
O pensamento do lado de cá
O desassossego que irá revelar a contradição

Opressor x oprimido
Capaz de ajudar na busca
Pela superação, emancipação e libertação
das amarras da colonialidade
A ponte é como fosse o diálogo
A comunhão, a mediação
O dizer a sua palavra
O movimento suave como a bruma
Mas incansável e crítico
Pelo ser mais... há humanização dos humanos.

Antonio Paulo Valim Vega



A PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE: TRANSFORMANDO QUERERES E PENSARES

Antonio Paulo Valim Vega⁷

Estamos chegando ao final deste ano de 2023, por conta disso, fui contabilizar os estudos em que estou participando, - quais são nossos propósitos, quem são nossos interlocutores teóricos e empíricos, por onde andam nossos pensares e quereres? Estes entre outros questionamentos invadiram meu pensamento. Como resposta, vieram os acontecimentos, lembrei de cada um e todos que se fizeram presentes nos encontros, bem como, as reflexões pertinentes que as temáticas estudadas fertilizaram em debates.

É válido rememorar os títulos dos eventos que embalaram nossos encontros neste semestre 2 do ano de 2023. Foram três seminários: a “III Jornada Internacional de Pós-graduação Brasil - Argentina: Um olhar latino americano da filosofia da educação na contemporaneidade”, “o Seminário Paulo Freire” e “Fundamentos teóricos e empíricos para a cidadania global”. Três eventos distintos e de estreita conexão.

Contabilizei também, quantos interagentes estavam engajados nesses estudos, a soma chegou a 89 interagentes, 25 participantes na jornada e 31 no seminário Paulo Freire e 33 participantes no seminário

⁷ Graduado em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Especialista em Formação para a EaD, pela Universidade de Caxias do Sul. Mestre em Ensino de Humanidades e Linguagens pela Universidade Franciscana (UFN) de Santa Maria/ RS. Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (UCS/RS). E-mail: apvvega@ucs.br

fundamentos teóricos e empíricos, alguns dentre nós, se fizeram presentes nos três eventos.

O seminário Paulo Freire nos permitiu dar continuidade de forma mais extensiva às reflexões, pois os outros dois encontros foram imersivos, encontros intensos de curta duração. Sei que vocês sentem como eu a alegria de ter partilhado e dialogado sobre nossas ideias, no seminário Paulo Freire, em encontros presenciais ocorridos no Prédio E, sala 301, da UCS com oito encontros de 17/08 a 23/11. Nesses encontros estudamos e debatemos os escritos do Paulo Freire, especialmente, “Pedagogia do Oprimido” com a mediação da Andréa Wahlbrink e Nilda Stecanelo.

Também na UCS no período de 22/08 a 24/08, ocorreu o seminário Fundamentos Teóricos e empíricos para a cidadania global, foram três dias de intenso debate conduzidos pelo professor Carlos Alberto Torres, ao mesmo tempo que situava as ações da Cátedra Unesco implantada na UCS este ano de 2023. Torres alertou e estimulou que pensássemos sobre a necessidade de revisar conceitualmente e explicar empiricamente as implicações de um projeto de cidadania global capaz de gerar a transformação social, um tema que encontra eco na atualidade, especialmente em momento que a sustentabilidade do meio ambiente demonstra a sua premente necessidade de cuidado. Um diálogo multicultural e cosmopolita em que o mestre generosamente carregou nossas baterias de esperança lembrando que Freire nos ensinou que a dominação, agressão e violência são partes intrínsecas da vida humana e social, nesse sentido a humanização e desumanização são possibilidades dos homens como seres inconclusos, a educação não pode ignorar essas questões, a conscientização oferece uma nova opção, baseada no diálogo como método e como epistemologia da transformação (Torres, 2023, p. 164).

Lá em Buenos Aires, na Faculdade de Filosofia da UBA, conduzidos pelo professor Geraldo Antônio da Rosa, o encontro ocorreu nos dias 11/10 e 12/10 de outubro de 2023. Durante dois dias intensos de estudos, apresentamos trabalhos e debatemos com um grupo de colegas professores, estudantes de mestrado e doutorado de três universidades, uma brasileira, UCS e duas argentinas, UBA e UNTREF.

Por certo que na Jornada Internacional ocorrida em Buenos Aires, a interlocução teórica e científica também alimentou a esperança e

ajudou a atenuar a tensão que o ambiente apontava e anunciava, pois, os estudos naquela temática, especialmente, tocavam indelével nos pontos mais relevantes da crise. Dessa forma, o espaço e encontro expressaram um momento de compreensão, dado por meio de estudos e pesquisas, um encadeamento de aproximações bastante coerentes, tal como havíamos projetado, mas nem de perto imaginávamos que seria tão forte a conexão.

A surpresa maior, a qual produziu em nós uma sensação de orgulho misturado a outros sentimentos pelo reconhecimento e admiração, já sabido, mas ainda não vivido. Pelo menos eu nunca havia vivenciado algo parecido, fora do país, em outra língua pensar e refletir questões tão pertinentes e apropriadas, tão freirianas. Foi assim, perceber nos trabalhos dos estudantes argentinos a forte influência de Freire, causou em mim uma emoção tamanha, um contentamento e alegria até mesmo inebriantes, pois, se encontrava em cada debate filosófico e pedagógico uma “pegada” Freiriano.

Era como estivéssemos ampliando o debate do Seminário Paulo Freire que ainda estava ocorrendo aqui no PPGEdU da UCS e o tivéssemos carregado conosco à Jornada internacional Brasil - Argentina.

Em transporte terrestre cruzamos o estado do Rio Grande do Sul no sentido oeste em direção à fronteira Brasil - Argentina passando pela Aduana limítrofe de Uruguaiana em direção a Buenos Aires. Uma jornada que se mantinha conduzida pela missão de ir em busca do olhar latino americano da filosofia da educação na contemporaneidade, e lá estava Freire.

A consolidada missão transfronteiriça, pelo propósito de estudo que o grupo mantinha, se encontra com a intencionalidade desta carta. Ao reunir no diálogo esses três eventos, o faço como uma forma que não é apenas o registro descritivo sobre três seminários de estudo. Antes, é uma forma de manifestar a alegria da partilha, um sentimento, certamente vivenciado por todos nós, ao perceber que entre os distintos seminários havia uma estreita conexão e diálogo. Tal proximidade, é de igual forma, uma recursividade apropriada às nossas reflexões, as quais circularam em torno do discurso e temática adensada pelo contexto sócio-histórico-econômico e político, em curso no período pré-eleitoral que nossos anfitriões vivenciavam.

O contexto era agravado pelas perspectivas e indicadores das eleições, no centro da Universidade percebia-se um movimento de rebeldia, contido, entre as paredes do prédio da área de filosofia. Concentramos nossos esforços no estudo e no propósito que nos levou até lá, compreendemos as dificuldades estruturais que o ambiente caótico externo “político-eleitoral” provocava na sociedade, o impacto desastroso que a economia e política podem fazer com a educação, com os professores, com os alunos e com o próprio saber.

Inspirados em Freire não permitimos que a alegria de aprender se perdesse diante da adversidade, a interlocução teórica que os apresentadores dos trabalhos, tanto os brasileiros com seus estudos na área de educação, quanto os argentinos com seus estudos na área da filosofia, trouxeram para o diálogo manifestava a perspectiva da educação e da ética, do ensino como uma questão ético-política, da utopia necessária na práxis educativa, do estímulo e necessidade de uma postura crítica e questionadora do professor e do aluno, sobre o ensino e o seu processo de aprender, a dimensão emancipadora, libertadora e política da educação, a autonomia necessária de professores e alunos para construir juntos seus planos e espaços de ensino e aprendizagem, o diálogo entre ideias diferentes e contraditórias. Essas questões falavam da importância de refletir, criticar e resistir para transformar.

Entre tantos temas e reflexões era evidente que todos ali discutiam e buscavam melhores formas de enfrentamento para as práticas coloniais e excludentes, para os comportamentos arraigados que ainda arrastam consigo a síndrome de uma educação bancária, nela, “educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber” (Freire, 2023, p. 81). Uma educação centrada na transmissão de um saber tecnicista e conservador, distante da realidade.

Diferente disso, as questões colocadas em debate anunciam que todos aqueles que como eu ali se encontravam, imaginavam e refletiam sobre o sentido e o desejo de prospectar um futuro para a educação, um futuro capaz de dar conta de uma demanda tão densa e extensa quanto as crises que encontramos no mundo atual. Um contra-ponto necessário diante de tantas crises é pensar que “só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente,

permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros” (Freire, 2023, p. 81).

Por isso, queridos colegas e parceiros, desta jornada de estudo. Quero muito que a sintonia que nos reuniu na proposta dos três seminários possa consolidar os laços de amizade e parceira nos estudos, pois, isso representa o alimento necessário, capaz de fortalecer e reafirmar o desejo de junto com vocês continuar lembrando e exercitando, uma das características mais marcantes de Paulo Freire, a capacidade de ler o mundo, e exercer em cada leitura a perspectiva crítica e prospectiva do futuro.

Todas as crises pelas quais estamos a passar, não fosse a esperança da qual Freire nos fala e na qual acreditamos, talvez não tivéssemos imbuídos do desejo do encontro e que nos incita a continuar aprendendo.

A outa perspectiva que se agrega a esse escrito é a oportunidade de expressar minha gratidão por todas as realidades e vivencias partilhadas no grupo, pela coragem e valentia de cada um que se expôs, partilhando a vida, a existência, e deixando aberta as feridas ao diálogo numa profunda compreensão de Freire, pois, “Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação se não há amor que a infunda” (Freire, 2023, p.110). Precisamente por isso, as realidades e vivências partilhadas, muito além, de ativar nossa memória imaginativa sobre o outro, despertaram em nós um profundo amor ao mundo e a compaixão pela existência de cada ser e todos que se lançaram à aventura de partilhar sua palavra mundo neste encontro.

Convido a todos a deixar o pensamento voar nas asas da criatividade, assim, projetar por esse meio, a esperança, de que juntos podemos construir novas possibilidades de humanizar a sociedade caótica em que estamos, que possamos construir novas pontes de acesso ao mais humano em nós próprios, e com isso, sermos capazes de transformar as crises em invenções educativas e criativas.

Freire alerta, nunca é demais lembrar, os homens são os únicos seres, entre os inconclusos, capazes de ter a si mesmos, como objeto de sua consciência, isso os distingue dos animais. Por isso, ao terem consciência de sua existência no mundo, definirem finalidades e decidirem

por formas e meios de chegar aos seus propósitos, serem capazes de construir relações com o mundo e com os outros, e pela capacidade de impregnar o mundo com sua presença criadora e transformadora é que eles não apenas vivem, “mas existem, e sua existência é histórica”. (Freire, 2023, p. 124)

A esperança que não é espera, pois, na era da velocidade, a espera, não faz nenhum sentido no século XXI. O sentido é a esperança que impulsiona o desejo e a vontade de transpor e se impor diante das práticas indesejáveis, a esperança que se alia à utopia tem muito mais a ver com o impulso que nos move para o futuro, pois a utopia é encarada como possibilidade e somente é utopia porque aponta para o futuro, não para o futuro inatingível nem para utopia inatingível, nessa perspectiva futuro e utopia se reconfiguram de acordo com seus avanços e chegadas.

No dia 23/11 encerramos nossos encontros no Seminário Paulo Freire tão bem conduzido pela Andréa Wahlbrink. Nas aulas deste seminário, foram reativados muitos conceitos, fundamentos teóricos e empíricos da pedagogia freiriana, a mística agregava o componente afetivo da professora Andréa. Assim, a aula fluía da leitura da obra para a leitura do mundo, entrelaçando saberes teóricos e empíricos denunciando realidades, encurrallando a opressão e anunciando a esperança promissora, a expressão mais apropriada de uma aula Freireano. Dessa forma, as discussões e debates sobre a obra “Pedagogia do Oprimido” fertilizaram em relatos de experiências e vivências de riqueza extraordinárias. “A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de poucas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo” (Freire, 2023, p.108).

Assim, ocorreu o último encontro do ano de 2023. Nessa toada, ficou a proposta para 2024. – “O diálogo começa na busca do conteúdo programático” (Freire, 2023, p. 115). É por aqui que andam nossos pensares e quereres, nossos propósitos se encontram em continuar dialogando, aprendendo, amando, abraçando as pessoas e o mundo.

Forte e afetuoso abraço.
Antonio Paulo Valim Vega



CARTA-RESPOSTA: POR UMA EDUCAÇÃO QUE ULTRAPASSE FRONTEIRAS

Querido Paulo!

Agradecemos a gentileza de suas palavras e todo o carinho de sempre. Sua participação em nosso minicurso, representou uma valiosa abertura para o diálogo, em um olhar atento ao legado desse grande educador. Paulo Freire era, e segue sendo, um cidadão do mundo. Um educador Latino-americano preocupado em formular uma concepção educativa desde 'Nuestra América' (Martí, 1983), suas formulações extrapolam uma visão de Brasil. Ficamos felizes em saber que você pode realizar essas conexões em contato com nossos 'hermanos argentinos' e na realização do Seminário da Cátedra Cidadania Global e Justiça Socioambiental na UCS.

Paulo Freire, juntamente com outros demais educadores, é responsável por construir e sistematizar uma visão de educação e de sociedade, oriunda de nossas mazelas, mas também, da potencialidade de criar e recriar nosso território como uma 'Pátria Grande', segundo as palavras de Simón Bolívar. Essa visão de mundo, desde aqui, em parte, além de uma reflexão do tempo histórico vivido, corresponde ao fato de Freire, em um primeiro momento, pelas forças da ditadura, buscar asilo fora do país. As andanças de Freire, pelos países de nosso continente, e depois fora dele, possibilitaram que o educador pudesse também compreender nossas questões com uma visão de fora, de quem observa com distanciamento, mas com profunda conexão.

É desafiador observar o que acontece hoje na política da Argentina, como você bem descreve, e compreender o pensamento ultraconservador e a ascensão da extrema-direita na América Latina. Ademais, em vista a tudo que vivemos no Brasil, na polarização da política e na abertura ao pró-fascismo, e seus demais desdobramentos. Desafiador também é analisar com a devida profundidade as derrotas sofridas por parte da população em alterar a constituição Chilena, ainda marcada pela ditadura de Pinochet. Ademais, acompanhar a ascensão dos grupos paramilitares, com conexões com o narcotráfico e o pensamento fundamentalista na Colômbia, no México e na Bolívia. Todos esses fatos em profundas conexões com as particularidades que definem as relações de dependência do território latino-americano, em prol do imperialismo estadunidense. A ascensão do pró-fascismo e do pensamento conservador e fundamentalista, representa a resposta a uma relação intrínseca de ascensão de uma nova fase do neoliberalismo na América Latina.

Enquanto educadores, nossa tarefa é estar atentos, vigilantes e inquietos, ancorados na crítica política e pedagógica sobre e com o mundo. Afastando-se de explicações simplistas, mágicas e idealizadas. Nossa compromisso ético, político e educativo deve estar ancorado na realidade concreta, por mais brutal que ela se apresente. O cotidiano de nossas relações sociais e com a natureza não merece ser romantizado ou abstraído.

A busca pela conscientização de Freire continua atual, pois, à medida em que conhecemos a realidade, desnudamos as aparências, nos comprometemos com ela. Em uma sociedade de produção de realidades encobertas, e de falsas verdades, exercitar o senso crítico é revolucionário.

Esperamos que você prossiga aprofundando as reflexões já tão bem expostas em sua carta. E que Paulo Freire possa continuar sendo uma grande referência para os seus estudos.

*Abraços Freirianos
Com carinho,*

Andréa e Nilda



“QUEM SABE FAZ A HORA, NÃO ESPERA ACONTECER” ...

Gisele Mazzarollo⁸

Meu querido José Carlos,

Meu amor, há tempos gostaria de escrever-te para expressar o quanto eu te admiro, por ser o Humano que és. Quando te conheci, me aproximei da tua leveza e do jeito alegre de ver os detalhes da vida. Eu não imaginava, que por trás das suas gargalhadas existia um homem revolucionário.

Junto de ti você trazia consigo uma bagagem repleta de experiências coletivas. Imagina aqui, meu bem, a bagagem como uma grande mala, daquelas antigas de cor terra, que transborda de vida e de que de tempos em tempos, tu tiras um fragmento, contas uma história e o seu detalhado contexto. Depois, torna a guardar na mala. Nunca contaste tuas histórias linearmente, e assim me provocava a buscar relações e tessituras históricas, acho que era para que eu te des-cobrisse bem devagar.

Ao te des-cobrir, des-cobri a história de nossa cidade, Caxias do Sul.⁹ Gostaria de te dizer que quando eu trabalhava como professora

⁸ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (UCS), Mestre em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST), graduada em Pedagogia pela Universidade de Caxias do Sul. Assessora pedagógica do Centro Universitário UNIFTEC. E-mail: gisele.mazzarollo@gmail.com

⁹ Falo nossa pois eu e você a adotamos para viver já que somos naturais de outras cidades.

dos anos iniciais, no início da minha profissão, contava a história de Caxias do Sul para os alunos e informações sobre os bairros, os distritos, a economia, a geografia, etc. Eu não apresentava para eles as histórias de lutas coletivas, para a melhoria do lugar, onde eles moravam com suas famílias. Pois eu nem mesmo conhecia!!! Conheci essas histórias de reivindicações contigo, meu amor. E a cada história que ainda ouço fico te admirando, tamanha é tua força para deixar parte de si mesmo, para ser parte de um outro coletivo, muito maior. Ecoava dentro de mim a frase de Paulo Freire “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão.” (2022, p.71)

E sabe meu amor, cada vez mais eu entendia o significado desta frase de Freire, na prática. Sempre falamos sobre escreveres um livro sobre a tua experiência vivida tão sabiamente. Até que um dia tu foste convidado para uma sessão de autógrafos, para autografar um livro que homenageava alguns personagens inspiradores do movimento popular de Caxias, de 1963-2023¹⁰, na Feira do Livro da cidade. E tu era um deles!

Quando tive a oportunidade de manusear o livro e ver contada as lutas tuas e de outras pessoas, fiquei admirada e com os olhos cheios de lágrimas, tamanha a tua sensibilidade pelo outro. Conseguí ver concretamente, através de recortes de jornais, as reivindicações e todas as lutas, para que a nossa cidade fosse uma parte do que é atualmente. Conseguí compreender melhor as épocas históricas em que isso ocorreu. Estava lá também o pedido de melhoria do transporte, por linhas de ônibus em bairros mais distantes. Mal tu sabias que estaria ajudando a minha mãe e a mim, que andávamos quilômetros para chegar até a estrada e utilizar o transporte público. Até hoje, a linha que passa perto da casa de meus pais tem os mesmos horários de quarenta anos atrás. E o que fizeste? Fizeste aquilo que Paulo Freire define como ação libertadora: quando o oprimido reconhece a opressão; esse é o momento que a reflexão precisa ser desenvolvida, para que o oprimido busque independência, e essa precisa ser feita coletivamente (Freire, 2022, p.74). Sua liderança, a exemplo do transporte público, foi reunir, discutir e sentir as dores daqueles moradores. Sair em caminhada, com representantes do povo, se colocar diante dos políticos da época, e se

¹⁰ Inspiração Popular: legislativo e movimento comunitário em Caxias do Sul. Câmara de Vereadores de Caxias do Sul (RS), 2023.

utilizar de argumentos movidos por conhecimento e principalmente sensibilizado pelo sofrimento do povo.

Paulo Freire nos diz que o trabalho de libertação realizado pela liderança acontece através do diálogo e não apenas por conquistar a confiança do oprimido. Lembro-me quando tu contavas que o trabalho iniciava com uma aproximação, através do jogo de futebol, no bairro. Estar no meio e com os moradores, se aproximando da realidade para compreender o que sentiam e também, para poder fortalecer esse oprimido. O oprimido precisa se ver como tal e estar convencido que deve lutar pela sua libertação. Isso se dará através da conscientização, do movimento da ação e reflexão, da realidade vivida. (Freire, 2022, p. 75-78)

A conscientização não advém apenas de um fato isolado de manifestação para a busca de uma melhoria apenas. A práxis precisa fazer parte da realidade do oprimido que busca a libertação. Tudo aquilo que o opõe e o torna objeto precisa de transformação da realidade. E tu, como uma liderança inspiradora mobilizaste tantas outras reivindicações junto com o povo, como melhorias em relação a falta de água, luz, esgoto e tantos outros, não apenas a falta de transporte. (Freire, 2022, p.77)

Meu bem, sempre conta para a nossa família, a saída de tua cidade, com onze anos, para entrar no seminário dos Capuchinhos para se tornar padre. Desde lá entendo que já era uma liderança ativa e não aceitava injustiças. A tua militância já se dava quando chegaste em Caxias, como leigo, porém ainda ligado com a Igreja Católica, trabalhando para o Centro de Treinamento Comunitário e depois efetivamente como presidente da associação de moradores e da UAB – União das Associações de Bairro, isso desde a década de 70. Na época, como tu mesmo conta em trechos de reportagens, Caxias do Sul tinha muitos problemas de habitação, eram vinte e quatro núcleos de favelas e mais de cem loteamentos irregulares. Tu e teus companheiros buscavam obras que interessavam ao povo. Freire diz que “existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar.” (Freire, 2022, p.108) As lutas coletivas dependem de sujeitos mobilizados. Mobilização que leva à libertação.

Percebo que quando tu encontrares muitas pessoas em diferentes lugares e me contas a história de cada um, as histórias possuem marcas de vida de lutas contra a opressão e até hoje buscam por transformação

da realidade. Isto é, não é uma reivindicação pontual da história do sujeito, mas faz parte de sua vida. Entendo isso, como processo de conscientização crítica, pois nunca finaliza, o processo é contínuo. Isso pode ser exemplificado quando li reportagens antigas, e soube que já tivemos em nossa cidade, 215 delegados no Congresso de Associações de Bairros de Caxias do Sul, em 1983. Inclusive no Congresso Nacional (1985/Brasília) foram 40 delegados representando Caxias do Sul. Isso tudo com a tua liderança! Realmente tu inspiras! O coletivo só se torna possível quando há capacidade de dialogar, que é uma exigência existencial. Freire dizia estar com o oprimido, denunciar e anunciar, fazer da práxis uma continuidade, pensando no bem estar-comum. (2022), p.110-111

O que fizeste nesses anos todos foi semear a esperança. Sabes bem, que isso não é uma dimensão apenas do belo. Essa esperança vem de muitas lutas para transformar a realidade que está, ter a consciência que se é oprimido e se libertar dessas amarras, pensando no bem-comum. O esperançar não é solitário, é coletivo.

Meu querido, escrevi essa carta para te dizer o quanto te admiro por ser essa inspiração para tantos e especialmente para mim. Desejo que o tempo seja generoso para nós dois, para que eu possa aprender continuamente contigo e ser também inspiração libertadora, transformadora da realidade.

Beijo no teu coração, meu amor

Da tua Gi

CARTA-RESPOSTA: AS LUTAS COLETIVAS DO NOSSO DIA A DIA

Querida Gisele!

Sua carta demonstra sensibilidade. Uma linda homenagem e um grande testemunho da trajetória de luta e de vida do José Carlos Monteiro. Você conseguiu expressar a importância e a grandeza da luta cotidiana daqueles que, em comunhão, constroem a libertação dos oprimidos.

Sua carta nos remeteu a Bertold Brecht (2009), um importante poeta e dramaturgo alemão, que escreveu o seguinte poema: "Há homens que lutam um dia e são bons, há outros que lutam um ano e são melhores, há os que lutam muitos anos e são muito bons. Mas há os que lutam toda a vida e estes são imprescindíveis". José Carlos com certeza é mais um desses lutadores. Publicizar sua história, além de prestar esta homenagem, se faz necessária para que sublinhemos a memória do nosso povo oprimido e da nossa luta por libertação em diferentes esferas da vida em sociedade.

O conceito de libertação é central na obra de Freire, considerado “como a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (2023, p.79). A libertação, nos termos do autor, refere-se à ação intencional dos seres humanos na busca pela emancipação das relações entre opressores e oprimidos. Na obra *Pedagogia do Oprimido*, Freire referenda, em muitos momentos, que a educação libertadora permite que os oprimidos denunciem a ordem que os opime e que possam anunciar um novo mundo.

O conceito de práxis é fundamental para que possamos refletir nossas ações intencionais no mundo, assim como nos apresenta Freire, aproximando ao máximo o que dizemos, do que fazemos cotidianamente. De nosso compromisso com o outro, nunca apenas para o outro ou sobre o outro, mas em comunhão, no desenvolvimento do exercício prático da participação social e política, por intermédio do diálogo e da responsabilidade com uma sociedade radicalmente democrática e justa.

Obrigada Gisele pela construção e escrita posicionada de sua carta. Também, por compartilhar a admir(ação) em ver no outro o seu compromisso com o coletivo.

*Abraços freiriano
Com carinho,
Andréa e Nilda*

DESCONSTRUÇÃO DO FRACASSO

Filipe Florentino¹¹

Em terras onde o saber germina, as páginas de Freire, ilumina.

"Pedagogia do Oprimido", tratado de transformação, Versos que desafiam e clamam pela libertação.

Nas primeiras letras, a ação se revela, contra a opressão, a mente se rebela.

O educador não é senhor, mas irmão, dando-se a mão a justiça entra em ação.

Conhecimento que opprime, Freire desvenda, filosofia da opressão, tormenta que aumenta.

Desconstruir o saber imposto, a mente libertar, no diálogo do pensar, a verdade a brilhar.

Palavra como ponte, diálogo a vibrar, entre educador e educando, o saber se criará.

A Comunicação, semente do entendimento, numa dança de vozes, quebrando o lamento.

Homens e mulheres, síntese a ser desvendada, construindo juntos, a realidade sonhada.

Unindo saberes, forjando a humanidade, no resumo da vida, liberdade sendo verdade.

¹¹ Estudante de Engenharia de Produção do IFRS - Campus Caxias do Sul
filipe.santos@caxias.ifrs.edu.br

Cultura como arma, luta a se travar, contra a alienação, o povo a despertar.

Ação cultural, na transformação a se cumprir, A libertação ecoa, como um brado a persistir.

Educação libertadora, prática que se entrelaça, entre teoria e ação, a chama que abraça.

Não mais conservar, mas construir em conjunto, na prática da liberdade, o destino é defunto.

A Conscientização é como farol, a iluminar, as sombras do desconhecido irão se dissipar.

Educação como ato político, despertar da visão, no ciclo da aprendizagem, nasce a revolução.

Ação dialógica, construção em conjunto, na práxis libertadora, um mundo mais justo.

Educar para a liberdade, na ação que se faz, o oprimido como sujeito, na luta pela paz.

Bancarização que aprisiona, Freire denuncia, na educação opressora, a liberdade se aniquila.

Violência disfarçada, na relação desigual, a pedagogia libertadora, grita e expõe que a balança da justiça não é igual.

Bancarização rejeitada, liberdade a brotar, no diálogo autêntico, onde o saber é criar.

Educação como prática de liberdade, a ressoar, na pedagogia de Freire, o futuro a se esculpir no olhar.

Assim se tece a poesia, em versos de pedagogia, Paulo Freire, na obra, guia para a harmonia.

Na luta contra a opressão, na educação a se construir, a cada página, a esperança a reluzir.



A RELEVÂNCIA DA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO DE PAULO FREIRE

Maria Clair dos Santos¹²

Estimados professores e colegas de curso!

Venho por meio desta carta compartilhar com você algumas reflexões profundas que tive ao participar do curso e ler a "*Pedagogia do Oprimido*" de Paulo Freire. Esta obra impactante tem sido uma fonte de inspiração e questionamento para minha compreensão da educação e da sociedade em geral.

Nos encontros com os colegas e ao mergulhar nas páginas do livro, fui confrontada com a urgência de repensar o processo educacional. Freire apresenta a educação não como um ato neutro, mas como um ato político, capaz de transformar realidades e libertar mentes. Sua visão de educação problematizadora, baseada na conscientização e na valorização do diálogo, despertou em mim um novo olhar sobre o papel do educador e do educando.

A concepção de conscientização como instrumento fundamental para a libertação dos oprimidos me fez refletir sobre como o conhecimento pode ser uma ferramenta poderosa na luta contra a opressão. O convite de Freire para uma prática pedagógica que valoriza as experiências e saberes dos alunos me levou a repensar minhas próprias

¹² Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade de Caxias do Sul, e gestora de uma escola de educação infantil do município de Caxias do Sul.

abordagens como educadora, buscando criar espaços de diálogo e reflexão em vez de meramente transmitir conteúdos.

Além disso, a crítica à educação bancária, onde o conhecimento é depositado nos alunos, ressoou profundamente em mim. A necessidade de uma abordagem mais horizontal, onde o educador e o educando estejam em constante interação, dialogando e construindo conhecimento juntos, me parece essencial para uma educação autêntica e libertadora.

Os momentos de reflexões em que me encontrei não só desafiou minhas ideias preconcebidas sobre educação, mas também despertou um senso de responsabilidade em relação à transformação social. Acredito firmemente que, ao implementar as ideias de Freire, podemos criar um ambiente educacional mais justo, inclusivo e empoderador.

Este curso provocou uma mudança significativa na minha perspectiva sobre o papel da educação na sociedade. Sei que as ideias de Freire continuam relevantes e necessárias nos dias atuais, especialmente diante dos desafios sociais e educacionais que enfrentamos.

Espero que, ao ler estas palavras, todos continuem sentindo a vontade de explorar as ideias revolucionárias de Paulo Freire em "*Pedagogia do Oprimido*". Que sua obra continue a ser um farol de sabedoria e inspiração para todos que buscam uma educação libertadora.

Gratidão
Maria Clair dos Santos



CARTA-RESPOSTA: A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES EM DIÁLOGO COM PAULO FREIRE

Querida Maria Clair!

Gostaríamos de parabenizar, por ter buscado neste minicurso um caminho para aprofundar a sua formação ainda durante seu curso de graduação, nomeadamente, pela iniciativa de ampliar o seu entendimento sobre a educação, a pedagogia e o seu papel enquanto educadora.

*Sua carta é um bonito convite para que os demais estudantes das licenciaturas possam encontrar nas leituras de Paulo Freire um caminho de refletir sobre uma educação comprometida com a liberação. No desenvolver de sua carta, você afirma que, a partir das leituras da obra *Pedagogia do Oprimido*, foi possível refletir sobre ideias preconcebidas sobre a educação e a sociedade. Esse com certeza é o lugar destacado da educação em sua dimensão crítica, construir ferramentas que nos possibilitem questionar, ao mesmo tempo que nos provoca um senso de responsabilidade em relação às transformações tão necessárias.*

*Ficamos felizes em saber o quanto foi proveitosa a leitura da obra ‘*Pedagogia do Oprimido*’ e quantas reflexões foram possíveis de serem realizadas, principalmente, quando você destaca que “Este curso provocou uma mudança significativa na minha perspectiva*

sobre o papel da educação na sociedade". Com isso, percebemos que o objetivo do minicurso foi alcançado. Paulo Freire é, sem dúvida, um autor imprescindível na formação inicial de professores, um autor clássico e atemporal. Em outros termos, podemos dizer que, na formação de professores no Brasil, Freire representa uma referência obrigatória para todos aqueles e aquelas que desejam conhecer a realidade educacional de nosso país.

Obrigada pelas suas palavras e pela participação. E que as reflexões sobre a obra de Paulo Freire sejam as primeiras de muitas reflexões potentes sobre a educação do nosso país.

Abraços Freirianos

Com carinho,

Andréa e Nilda



HUMANIZAR SERES HUMANOS

Marcus Vinícius Comandulli Ruppental¹³

Paulo Freire fala da vocação ontológica e histórica de humanizar-se, de construir nossa humanização sabendo que somos seres incompletos. Essa vocação nos coloca em um processo de formação permanente, onde os seres humanos, a sua história e realidade estão em constante construção e transformação. É nesse movimento, na humanização em processo, que a educação entre os seres humanos acontece.

Ao reconhecermos a nossa humanização em processo percebemos que “somos seres condicionados, mas não determinados” (Freire, 2019, p. 11), podemos transformar a realidade e (re)escrever nossas histórias. E da mesma forma que seres humanos estão condicionados, mas não determinados, a história por nós construída assume a mesma dimensão, “a história é tempo de possibilidade e não de determinismo” (Freire, 2019, p. 11).

A humanização proposta por Freire (2022, p. 68) não é algo que acontece de forma espontânea ou que fica restrita à teoria. “A humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é

¹³ Graduado em Licenciatura Plena em História - UCS, com Pós-Graduação em Música e Musicalidade – FSG, Políticas Públicas e Direitos Sociais – UNINTER e Mestrando em Educação - UCS. Atua como educador social e produtor cultural, atualmente bolsista PROSUC/CAPES.

uma palavra a mais, oca, ‘mitificante’. É práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo”.

A transformação do mundo surge da necessidade de romper com as relações de opressão impostas pelo sistema neoliberal. A visão humanista de Freire é um ato de resistência ao capitalismo que desumaniza de forma sistêmica, pautando a necrofilia em detrimento da biófilia. A realidade desumana estruturada pelo sistema gera vulnerabilidades de sujeitos, famílias e comunidades historicamente marginalizadas, que, no atual modelo de sociedade, sentem de maneira direta e imediata os efeitos da política econômica neoliberal.

A pedagogia proposta por Freire nos faz pensar e agir para a transformação da realidade, enquanto seres sociais, históricos e culturais, promovendo a mudança de uma sociedade injusta que desumaniza e oprime. É pela pedagogia da libertação que buscamos a humanização do mundo frente a desumanização neoliberal, reconhecendo a nós mesmos como seres incompletos, que buscam se reconhecer enquanto seres vivos e não como máquinas que reproduzem a realidade sem questionamentos.

A lógica desumana neoliberal atua de forma sistemática na educação, o que Freire chama de ‘educação bancária’. Ao contrário da visão humanista, a educação bancária se estrutura a partir de uma visão mecanicista, na qual o professor deposita seu conhecimento nos alunos, onde a individualidade sobrepõe a coletividade e a homogeneidade sobrepõe a diversidade. Não se permite a consciência crítica para ler e agir sobre a realidade, somente manter o status quo. É a adaptação no lugar da transformação. Freire complementa Simone de Beauvoir dizendo que, “o que pretendem os opressores é transformar a mentalidade dos oprimidos e não a situação que os oprime, e isto para que, melhor adaptando-os a esta situação, melhor o dominem” (Freire, 2022, p. 61).

O pensamento pedagógico de Freire está em movimento, em constante processo de recriação, e seus fundamentos pedagógicos vão se adaptando aos diferentes contextos. A relação entre teoria e prática, ação e reflexão, além das questões sobre a autonomia, a dialogicidade, a dialética e os temas geradores, são alguns dos conceitos que estruturam o fazer pedagógico pautado na humanização e na superação das relações opressoras. É a partir dessa sistematização que a pedagogia de

Freire fornece instrumentos para que educadores construam suas relações e suas ações.

A construção da educação humanizada é um processo que vai além dos muros das escolas e espaços educativos. As práticas socioeducativas não acontecem somente na relação entre educador e educando, mas, também, nas relações comunitárias onde acontecem as práticas. A pedagogia de Freire reconhece os saberes socialmente construídos nas práticas comunitárias e que nesse processo os indivíduos se reconheçam enquanto sujeitos históricos, escrevendo sua própria história e construindo junto às comunidades ações que promovam sua autonomia.

Freire coloca que a prática educativa é uma dimensão necessária da prática social

fazendo educação numa perspectiva crítica, progressista, nos obrigamos, por coerência, a engendrar, a estimular, a favorecer, na própria prática educativa, o exercício do direito à participação por parte de quem esteja direta ou indiretamente ligado ao que fazer educativo. (2023, p. 34)

O processo de humanização é parte de uma luta que insere as comunidades na construção e no fortalecimento das políticas públicas. É necessário um estado permanente de vigília, frente ao contexto político e econômico que o Brasil e o mundo neoliberal vêm enfrentando nas últimas décadas. A ascensão de governos de extrema-direita e a retirada sistemática do acesso de parte da população a direitos fundamentais acendem o alerta para que a mobilização ocorra de forma contínua e construída na base, sendo a participação democrática uma prática efetiva por toda a população. Nesse contexto de inserção e participação Paulo Freire coloca que:

para nós, a participação não pode ser reduzida a uma pura colaboração que setores populacionais devessem e pudessem dar à administração pública. [...] Implica, por parte das classes populares, um “estar presente na História e não simplesmente nela estar representadas”. Implica a participação política das classes populares através de suas representações, no nível das opções, das decisões e não só do fazer o já programado. [...] Participação popular para nós não é um slogan, mas a expressão e, ao mesmo tempo, o caminho para a realização democrática da cidade (Freire, 2001, p. 75).

A perspectiva de uma expressiva participação da sociedade no fortalecimento e na ampliação das políticas públicas necessita de um movimento contínuo e a pedagogia da libertação nos fornece

ferramentas teóricas e práticas para agir nesse processo. É nesse contexto de luta por direitos e justiça social que a humanização é proposta no contexto do educador, construindo uma educação crítica, política e popular.

Saudações Freirianas.



CARTA-RESPOSTA: A ESCOLHA PELA DEFESA DA HUMANIZAÇÃO

Querido Marcus!

A escolha pela defesa da humanização em Freire, desenvolvida em sua carta, demonstra o quanto apropriado você está em relação aos desafios de nosso tempo histórico e de todos os condicionantes presentes nas estruturas neoliberais.

Nos alegra reconhecer em sua escrita um sujeito, agora pesquisador da Educação, preocupado em denunciar as mazelas do mundo e em anunciar um outro mundo possível. Que reconheça em seu horizonte a incompletude dos seres humanos, a superação das relações opressoras e exploradoras, o movimento da história, o respeito a todas as formas de vida. Que compartilha com Freire a construção de uma Educação verdadeiramente emancipatória e humanizadora.

O movimento da história tem nos apresentado talvez um dos maiores desafios que o atual efeito da ofensiva neoliberal vem produzindo na vida em sociedade, a crise climática. Como podemos pensar a condição humana sob o capitalismo, sem refletir a nossa relação entre seres humanos e com a natureza. A resposta para tal pergunta é complexa e requer uma posição que reflita a possibilidade de uma transição, um esforço coletivo da humanidade que tenha como objetivo central a missão de transformar uma sociedade altamente poluente e destrutiva da natureza, em uma sociedade sustentável e justa em termos ambientais e humanitários.

As crises cíclicas do capitalismo, demonstram a fragilidade de um sistema que assegura sua permanência na degradação dos seres humanos e da natureza. Poderíamos pensar em um projeto de futuro em alternativa ao que vivemos hoje? Freire, afirma que sim, quando escreve que nós, seres humanos em sociedade, não nos configuramos como seres determinados e a-históricos, mas sim, como condicionados, mas que (re)escrevem a história à medida que buscam saídas as próprias crises civilizatórias. Portanto, refletir sobre a necessidade de um projeto de humanização da sociedade configura-se pela busca de conexões com a natureza e outras formas de vida.

Ailton Krenak, um importante intelectual indígena do Brasil, sustentado em uma cosmovisão ameríndia, aborda a reflexão da desassociação que o capitalismo produziu nas relações humanas e com a natureza, e que o caminho de uma reconexão é um desafio urgente. Nós educadores, além de atentos, somos em boa parte portadores da formulação e da formação de uma nova sociedade, nas mais diversas formas e práticas socioeducativas de territórios educativos. Não há como negar a crise em curso e o nosso papel nela.

Marcus, agradecemos a oportunidade de ter você com importantes contribuições em nosso minicurso, e na alegria de saber que ainda teremos muitos momentos de trocas.

*Abraços Freirianos
Com carinho,
Andréa e Nilda*



ESPERANÇAR É LUTAR

Kauana Melo¹⁴

Esta carta é direcionada a todas as pessoas que ousaram esperançar,

Os últimos anos, entre 2016 a 2022, foram extremamente difíceis para aqueles que lutam pela transformação da sociedade pelas mãos da educação. A pandemia do Coronavírus não apenas ceifou a vida de milhões de pessoas pelo mundo inteiro, mas também impediu a realização dos sonhos de muitos além de perderem seus familiares, perderam seus empregos, a vontade de continuar no ensino superior ou até mesmo finalizar o ensino médio. Para nós, sonhadores, foi extremamente complicado termos que nos adequar às normas sanitárias visando amenizar os perigos de um vírus invisível e silencioso, mas muito potente.

Porém, além do vírus invisível estávamos enfrentando uma onda de retrocessos significativa, alguns dos poucos direitos sociais que foram conquistados bravamente em outros tempos, estavam sendo ameaçados por uma política neoliberal, de um governo de extrema-direita, que defendia o caos, o ódio, o negacionismo e a morte de milhares de pessoas como apenas uma “gripezinha”. Foram tempos difíceis. Mas resistimos esperançando.

¹⁴ Graduanda de Psicologia, Universidade de Caxias do Sul, Bolsista PIBIC/CNPq, Observatório de Educação.

À luz de Paulo Freire - autor que foi ainda mais perseguido durante esse período -, pode-se dizer que o momento passado foi um dos ápices da desumanização do homem e, por isso, é preciso lutar pela humanização dos sujeitos e esta sim é considerada a vocação dos homens, mas uma vocação negada

vocação negada, mas também afirmada na própria negação. Vocaçao negada na injustiça, na exploração, na opressão, na violência dos opressores. Mas afirmada no anseio de liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos, pela recuperação de sua humanidade roubada. (Freire, 2022, p. 28-29).

Aqueles que resistiram podem ver de forma clara a dialética entre a humanização e a desumanização dos homens, resistiam porque tinham seus direitos negados e tinham seus direitos negados porque eram resistentes e sonhadores. A impossibilidade de sonhar nesta ocasião desumanizou ainda mais aqueles que sonham por uma outra sociedade, mas estão inseridos em um sistema assassino e destruidor - o capitalismo.

Além disso, de acordo não apenas com Freire, mas também com outros intelectuais, o capitalismo é baseado em uma sociedade de classes sejam elas a burguesia e o proletariado ou os opressores e os oprimidos. Na realidade, independente do termo as definições são as mesmas para cada grupo. A burguesia/opressores diz respeito ao grupo que possui o poder nas suas mãos, aquele um por cento da população global que possui dois terços da riqueza mundial.

Já o proletariado/oprimidos são aqueles que detém a força do trabalho, ou seja, aquele que produz e constrói a riqueza, mas que não é impossibilitado de usufruir daquilo que constrói.

Estes fatos são explicitados considerando que a superação ou a emancipação, como preconizava Freire, de acordo com Moreira (2010, p. 186) é definida a partir de um caráter e intencionalidade político, ou seja, só será possível “pela práxis humana, na luta ininterrupta a favor da libertação das pessoas de suas vidas desumanizadas pela opressão e dominação social”.

Ainda, Freire em seu livro Pedagogia do Oprimido revela diversos caminhos que trilhou na construção de seu pensamento, porém, uma das categorias utilizadas pelo pensador que deve ser considerada neste momento é a práxis. Para ele, a práxis é tida como “reflexão e ação

dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos” (2022, p. 37), ou seja, é através da ação e da reflexão dos homens que o mundo se transforma, mas como refletir em um mundo que lucra com a impossibilidade de reflexão?

Além disso, o capitalismo baseou-se nas ideias de individualismo e de meritocracia. A ideia de coletividade parece impossível em um mundo em que a competitividade e o engajamento nas redes sociais são as principais necessidades de um sujeito. Atuar de forma coletiva é, talvez, um dos atos mais revolucionários dos dias atuais.

Nesse sentido, o minicurso “Pedagogia de Paulo Freire: Aproximações com a Práxis” permite olhar de maneira coletiva para as contribuições de Freire não só para o estudo da pedagogia, mas para o estudo do sujeito e de sua relação com um mundo que o opprime constantemente. Durante o minicurso, tivemos a oportunidade de aprofundar o pensamento do autor apresentado em Pedagogia do Oprimido, um de seus principais e mais lidos escritos. Mas além de ler o ensaio, tivemos a oportunidade de trocar com diferentes sujeitos, de diferentes contextos e vivências que no coletivo se juntaram para esperançar por uma educação diferente.

Trago esse relato, pois acredito que é de suma importância entender o contexto em que estamos inseridos. A Universidade é um lugar de construção e transformação de pensamentos, ela como instituição está em constante mudança e depende daqueles que estão no poder para direcionar sua posição na sociedade. No último período, a universidade foi atacada milhares de vezes com argumentos baixos e que não condizem com a realidade daqueles que produzem a ciência e a pesquisa no nosso país. Por isso, atuar de forma coletiva é revolucionário e estudar

Freire de forma tão profunda é ainda mais revolucionário e além do mais, o autor postula que é através de uma educação libertadora que os homens e mulher se emanciparão.

Nesse sentido, gosto de sempre destacar o papel que a educação possui na minha trajetória. Foi através do movimento estudantil que eu me encontrei na luta por uma outra sociedade. Uma sociedade em que todos tenham o direito de estudar e de sonhar, que tenham acesso à

escola e à universidade, à ciência e à tecnologia. Uma sociedade que se construa para e com a educação popular. Do mesmo modo, o movimento estudantil pode ser um palco para a educação popular e para a emancipação dos sujeitos e também para o enfrentamento a partir da coletividade.

Da mesma forma, em um dos textos que subsidiaram o debate “Da paixão de aprender à paixão de ensinar” (2022), Madalena Freire - filha de Paulo Freire -, trata sobre as dores, dificuldades e recompensas que o ato de educar proporciona e, talvez, nele esteja a resposta para alguns questionamentos. Em uma relação simbólica entre ensinar, aprender e psicanálise a autora aponta a necessidade do amor e do ódio como molas propulsoras do aprender, se não existe amor e nem ódio existe indiferença, onde os sujeitos não ensinam e nem aprendem, pois são sujeitos sociais e se relacionam uns com os outros o tempo todo. É a partir disso que a autora apresenta o pensar como arma de luta e o refletir como apuração desse pensamento. Para ela, “é a reflexão que acorda esse sujeito alienado; acorda e impõe mudança para esse sujeito, que copia pensamento dos outros, em vez de construir os seus. Porque aí está o germe da vida, da morte, da reflexão possível para a mudança.” (Freire, 2022, p. 18)

Freire em todos os seus escritos indica para a necessidade de olharmos de forma coletiva para o mundo apontando que o homem isolado não é sujeito. À luz do autor “a educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens” (Freire, 2022, p. 71). Nesse sentido, a afirmação feita no início deste texto é validada por Freire, toda vez que a ideia de individualidade é reafirmada na sociedade as práticas do capitalismo e dos opressores são reiteradas.

Por conseguinte, esperançar é mais do que um verbo transitivo direto ou qualquer caracterização que leva da língua brasileira. Esperançar é lutar. Lutar por algo que ainda não foi conquistado ou que está longe de ser conquistado. Para Paulo Freire (1992, p. 110) “esperançar é ir atrás, é se juntar, é não desistir”.

Por isso, esperançar é lutar. Os dois verbos andam lado a lado na sociedade em que vivemos. Mas além disso, andam lado a lado na construção de uma outra sociedade. Uma sociedade que seja igualitária, que respeite a diversidade, que não mate aqueles que por uma lógica nefasta “não se enquadram” nos parâmetros normativos. Esperançar para viver uma sociedade onde a água seja direito de todos, que a fome não exista e que tenha escolas e Universidades para todos. Lutar para conquistar essa sociedade que parece utópica, mas pode ser real!

Freire, em “À sombra desta mangueira”, diz

futuro de que falamos não vem se não identificamos falar dele com fazer ele (fazê-lo). O futuro é feito por nós e não é uma doação a nós. O futuro existe como necessidade da História e implica sua continuidade e a História não morreu nem se metamorfoseou em algo novo que apenas faça de conta que é. (Freire, 2015, p. 37)

Então, que façamos juntos o nosso futuro!

João Amazonas (2012), revolucionário brasileiro que lutou nas mais belas batalhas por um Brasil mais justo dizia que “Verbo por verbo, em tempo presente ou no futuro, lutar ainda é o melhor. Lutar para transformar nossa pátria na terra da liberdade, da cultura, da fartura, da justiça social, da solidariedade humana. Terra de homens livres, terra da revolução libertadora”¹⁵. Ao finalizar, gostaria de salientar que verbo por verbo, lutar e esperançar ainda é o melhor.

Seguimos!

¹⁵ Trecho retirado da epígrafe do livro “Meu verbo é lutar: a vida e obra de João Amazonas” de Augusto Buonicuore, lançado em 2012 pela Fundação Maurício Grabois, pela editora Anita Garibaldi.



CARTA-RESPOSTA: RETOMAR PAULO FREIRE PARA ORGANIZAR A LUTA E A ESPERANÇA

Querida Kauana!

Sua carta é um forte relato da importância de retomarmos as leituras de Paulo Freire, principalmente depois dos acontecimentos dos últimos seis anos no nosso país.

Você assinala de forma precisa os duros anos vividos na conjuntura brasileira e os seus impactos na formação da consciência da população. Vivenciamos uma crise sanitária mundial sem precedentes, que foi agravada pelo exercício de um governo anti-povo, antidemocrático, negacionista e obscurantista. Desde 2016, entramos em uma nova fase do próprio desenvolvimento do neoliberalismo em nosso território e todo esse acirramento traz profundas transformações também nas instituições de ensino como escolas e universidades. Revisitar Paulo Freire, e as pedagogias críticas, contra hegemônicas e anti-sistêmicas representa um ‘tomar fôlego’ para enfrentar os desafios de nossos tempos. Por este motivo destacamos a importante afirmação que você faz, “Atuar de forma coletiva é, talvez, um dos atos mais revolucionários dos dias atuais”, e “estudar Freire de forma tão profunda é ainda mais revolucionário”.

Compartilhamos com você a necessidade de pensarmos na importância da coletividade e dos espaços próprios para a participação, como é o caso no Movimento Estudantil, como bem você destaca. Nossa tarefa enquanto educadores, no âmbito das causas populares,

significa comprometer-se com o amanhã e a formação humana emancipatória, em um movimento de organizar a luta e a esperança, assim como os grandes lutadores como Paulo Freire e João Amazonas que você apresenta em sua carta.

Freire foi um grande entusiasta da esperança, considerada por ele aquela que nos movimenta e possibilita caminhar para o futuro, como condição para o exercício otimista do diálogo. Nas palavras do autor, na obra a Pedagogia do Oprimido, esperança, “não é, porém, a esperança um cruzar de braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto e se luto com esperança, espero”. (Freire, 2022, p.97). Embora em vários momentos o sentimento da desesperança possa nos assolar, é necessário tomar fôlego e recordar que somos parte da construção de nossas histórias e destinos.

Obrigada pela linda carta, pela participação assídua em nosso minicurso e por todos os diálogos realizados em nossos encontros. O desejo é que possamos cada vez mais aprofundar as nossas reflexões coletivamente no esperançar de Freire.

*Abraços Freirianos
Com carinho,*

Andréa e Nilda

SOU POEMA, SOU POETA

Ontem fui até um lugar diferente do habitual
Cabelos voaram,
Minha alma transbordou de alegria
Senti cheiro de liberdade sem nunca ter sido presa
Mergulhei num universo confortável de amor e clichês?
Se eu me apaixonei?
Não, quer dizer, me apaixono o tempo todo, mas não foi o que me
brilhou os olhos
Seria estranho eu dizer que estou totalmente apaixonada por causas
sociais?
Estar totalmente apaixonada por pessoas que querem revolucionar
o mundo com pouco?
Fora do comum
Mas quer saber, não me importo
Vamos enlouquecer juntos,
Venha ser poeta, baby
Se incomode com o sistema
E comece a revolução
Nenhum poder é grande demais para parar multidões
Suplique mudanças,
Seja exemplo para novas gerações
Seja humano, se incomode com o sistema
Faça arte,
Faça música,
Revolucione as canções
Seja arte,
Seja artista,
Seja incomode com o sistema!
Saia do seu conforto,
E busque o de todos!
Seja um revolucionário!
Fuja do padrão sem medo
Faça arte e faça sua parte
Salve o mundo, artista!

Catarina Mazzarollo Lorandi



AOS ARTISTAS OPRIMIDOS, INDIGNADOS COM O SISTEMA OPRESSOR

Catarina Mazzarollo Lorandi¹⁶

Cara Elis Regina,

É um prazer retomar minhas escritas para uma voz tão forte da música popular brasileira. Eu, jovem que estou entendendo a vida ao meu redor, sinto-me como Clarice Lispector, que reconhece a palavra como sua expressão sobre o mundo (Lispector, 1999); por isso, defino o meio de expressar-me sobre a “experiência jovem”, nesta sociedade “nada” alternativa (Seixas, 1974), por esta carta.

Elis, por muito tempo pensei em como escrever-te sobre a educação do povo brasileiro. Nessa busca de palavras, percebi que a arte também educa a população. Afinal, gerar cultura e desenvolver o senso crítico é sim um aprendizado. Cada artista educa a população com estímulos distintos. Da forma que este, se sinta livre para despejar sua alma talentosa sobre um painel branco sem vida. Ao desenvolver o senso crítico do povo, a indignação populacional pela condição de vida é acesa, e se forma um espaço propício à expressão da indignação do povo com o sistema. A cultura e a arte, nesses espaços de expressão, são vistas como opção para a população demonstrar sua força ao sistema opressor. Afinal, todos podem produzir arte e cultura, independente do lugar que estejam ou sua classe social.

¹⁶ Estudante da 3º série do Ensino Médio do Colégio PolyUni. Caxias do Sul/RS. E-mail: catarina.lorandi@gmail.com

Elis, creio que enquanto esteve viva, não soubeste a dimensão que tua voz repercutiria perante as músicas da arte popular, e o quanto as mesmas estariam na mente do povo. Mesmo no século XXI, a população continua com o sinal fechado para as manifestações joviais, buscam abraçar seus irmãos, e beijar suas meninas na rua. A população evoluiu, não perca seu otimismo por ela após minha fala... seguimos amando os mesmos ídolos, e fazendo protestos em busca de respeito, exatamente como nossos pais. (Belchior, 1976)

Elis, você deve imaginar que a arte e a cultura não transformam o mundo sozinhas, a educação igualmente não o transforma. O conjunto da arte, da cultura e da educação mudam as pessoas, permitindo-as que mudem o mundo, respeitando sua identidade. Essa ideia se concretiza nas palavras de Paulo Freire: “O professor é, naturalmente, um artista, mas ser um artista não significa que ele ou ela consiga formar o perfil, possa moldar os alunos. O que um educador faz no ensino é tornar possível que os estudantes se tornem eles mesmos.” (Freire, Horton; 2003).

Para fazer a arte e educação, é preciso apaixonar-se pelos detalhes que o mundo apresenta, é indignar-se, é buscar sua trajetória como indivíduo participante, buscar os direitos de toda população, olhar para o todo.

Elis, escolhi cursar Pedagogia, mas também sou arte.

Gostaria, gentilmente, de participar da história de cada pequeno autor, em suas múltiplas infâncias, e nelas encharcar-me de diversos tons, como os de uma aquarela.

Sinto e entendo, que eu e meus pequenos artistas, pintaremos em conjunto, cada história, cada detalhe, que se eternizará nas ações, para transformar o mundo que nos cerca.

Cara Elis, me despeço de você por aqui, escrever-te é sempre uma dádiva, sempre que possível mandarei novas cartas, para te atualizar como andam as coisas por aqui. Você é gigante, no meu coração, no Brasil e na alma da música brasileira!

Com carinho e admiração, Catarina Mazzarollo Lorandi



CARTA-RESPOSTA: A ARTE DE EDUCAR EM COMUNHÃO

Querida Catarina!

Gostaríamos de começar agradecendo a sua disponibilidade em participar do nosso minicurso como uma estudante do Ensino Médio que produziu reflexões que geraram espanto e admiração em muitos doutores da academia.

Tanto a sua carta pedagógica como o seu poema, demonstram a sensível forma como você buscou fazer as reflexões a partir da obra Pedagogia do Oprimido. A educação como um caminho para o senso crítico é um percurso um tanto complexo e que exige de nós educadoras, ou assim como você, uma futura pedagoga, um compromisso profundo com a humanidade e com os rumos da educação. Entendemos a educação como prática da liberdade, assim como nos ensina nosso mestre Paulo Freire.

A prática da liberdade é um caminho que se percorre dia a dia. Na luta contra todas as formas de exploração e opressão, que encontra na prática educativa a possibilidade de desconstruir aquilo que é facilmente argumentado como ‘a ordem natural das coisas’. Compartilhamos com você a ideia de que são diversas a arte, a cultura popular e as mais diferentes formas de manifestação da condição humana.

A cultura popular na obra de Freire se apresenta como uma categoria central, como a possibilidade da denúncia de um pensamento e uma cultura única, do controle social, político, econômico e cultural ocultos pela ideologia dominante. Os oprimidos, por sua vez, segundo Freire, devem construir a ‘ação cultural para a liberdade’, vivenciando a cultura como uma construção sistemática da

experiência das classes populares, como fazedores de culturas e criadores da condição que os tornem críticos e reflexivos à curiosidade epistemológica.

Catarina, a juventude possui uma força pulsante das transformações. O nosso desejo é que nunca lhe falte a rebeldia, quase como condição juvenil, contra as mazelas do mundo, ‘mesmo quando o sinal estiver fechado’. Nas palavras de Mahatma Gandhi, “Seja a mudança que você quer no mundo”.

Agradecemos a oportunidade de ter lhe conhecido neste semestre e das contribuições que você trouxe para o grupo. Nosso desejo é que você siga estudando Paulo Freire e outros tantos educadores e educadoras comprometidos com a educação dos oprimidos.

Abraços Freirianos

Com carinho,

Andréa e Nilda



PARA SANAR A ESCASSEZ DE PAULO FREIRE

Talyta Marcon¹⁷

Durante o curso de extensão sobre Paulo Freire, tivemos a oportunidade de estudar e dialogar sobre a obra “Pedagogia do Oprimido”, viabilizando muitas discussões de variados assuntos, tendo como objetivo a busca pela emancipação em torno do pensamento crítico, onde os sujeitos podem iniciar esse processo através da reflexão e do diálogo.

É fundamental na educação promover uma abordagem participativa e crítica, incentivando a conscientização e a transformação social. Tendo em vista a importância de uma educação libertadora, que empodera os oprimidos e busca superar as desigualdades através do diálogo e da prática educativa engajada.

Faço um ressalto sobre a importância da dialogicidade, sem ela o conhecimento e a construção de saberes não são possíveis, pois a interação é como uma ponte, onde as pessoas podem se conectar e efetivar trocas de experiências e provocar mudanças em suas vidas.

É evidente que o ambiente deve ser acolhedor para possibilitar o diálogo, vindo de encontro com a validação do saber do outro, onde todos são ouvidos e não somente ouvintes. Freire deixa claro como uma educação bancária, aquela em que apenas o docente é detentor do saber

¹⁷ Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade de Caxias do Sul. E-mail: tmarcon6@ucs.br

e as aulas são ministradas de acordo com modelos tradicionais de educação, tendo como foco a mera memorização e a reprodução automática de conteúdos, sem haver espaço para refletir, criticar e formar opiniões. Logo, a sala de aula é o estopim para o pensamento crítico, sendo o estudante estimulado a construir o conhecimento com a mediatação do professor.

Portanto, por conta desse amor pelas pessoas, o qual fica evidente nas obras de Freire, ele se faz de suma importância para a formação dos indivíduos e para a construção de uma sociedade mais justa e com equidade de direitos. No entanto, essa construção coletiva requer estudo e aproximação das teorias freirianas e esse acesso se faz pela educação. A educação é a ferramenta mais potente que temos a nosso dispor para transformar vidas e criar oportunidades, onde o conhecimento gera empoderamento, fazendo o saber retornar para a população.

Nas palavras de Paulo Freire (2022, p.71): “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatisados pelo mundo.” Sendo assim, sozinhos não somos capazes de construir saberes pertinentes à formação humana, é somente no convívio que podemos estabelecer conexões significativas. Se queremos formar cidadãos críticos e pensantes, necessitamos sanar a escassez que há de Paulo Freire na educação brasileira, na qual ele é o patrono, valorizando esse grande pensador.



CARTA-RESPOSTA: PAULO FREIRE, ENTRE O ESQUECIMENTO E A DIFAMAÇÃO

Querida Talyta!

Você escolheu um título potente em sua carta. Um título que produz muitas camadas de reflexão e que nos conduz a pensar com mais profundidade sobre os dilemas vividos em nosso tempo histórico, em especial nos desafios da educação do nosso país. De fato, precisamos refletir com educadoras e educadores quais os limites que produzem essa ‘escassez’ de Freire, e como devemos construir alternativas desde já “Para sanar a escassez de Paulo Freire”. Quais são os condicionantes que produzem, por vezes, essas ausências de leituras críticas, principalmente nos cursos de licenciatura? Muitas podem ser as respostas.

Embora Freire tenha sido nomeado como o ‘Patrônio da Educação Brasileira’, e tenha o reconhecimento como o intelectual Brasileiro mais traduzido e lindo mundialmente, considera-se que ele ainda é muito pouco explorado e estudado em nosso país. Este fato decorre de um conjunto de fatores, que passam pelo descenso do pensamento crítico educacional e pelos mecanismos da ideologia dominante que buscam estratégias de deturpação do legado do autor para com a educação de nosso país. Mais recentemente, em virtude da comemoração do seu centenário, o nome de Paulo Freire ressurge com mais ênfase no cenário nacional. Contudo, acompanhado dessas celebrações, há

um movimento de difamação do autor, como se este fosse responsável pela baixa qualidade do sistema educacional através da disseminação de seu método pedagógico nas escolas.

A extrema direita em ascensão, imbuída de uma política conservadora e de manutenção dos processos de exploração em curso, encontra nos escritos de Freire seu inimigo para a manutenção da hegemonia capitalista. O fato é que as mais de quarenta obras produzidas pelo autor, seguem pouquíssimo exploradas pelos educadores no Brasil e não há efetivamente um método desenvolvido pelo autor que se encontre como base metodológica nas escolas. O próprio Freire escreveu mais de uma vez em suas publicações que ele não havia prescrito um método de ensino. O que de fato está presente em sua obra é uma concepção de educação, baseada fortemente na formação do território latino-americano e a partir dos sujeitos que aqui se desenvolvem. O nosso desejo seria que realmente os educadores do Brasil estivessem verdadeiramente imbuídos dessa concepção. E esse, com certeza, seria um passo determinante para (re)pensar os caminhos da educação e o protagonismo de nossa gente.

Finalizamos destacando que sua carta aponta para reflexões muito importantes para a educação vivida em nosso tempo. O nosso desejo é que você siga instigada em dar continuidade às leituras de Freire e de demais educadoras e educadores preocupados com a formação humana transformadora.

Talyta, agradecemos a oportunidade de ter você em nosso minicurso e que possamos nos encontrar ainda em outros momentos de sua formação.

*Abraços Freirianos
Com carinho,*

Andréa e Nilda



UMA MISTURA DE AMOR E REVOLTA: UM APELO, PELAS NOSSAS CRIANÇAS

Gabriela Pinheiro Slaviero¹⁸

Prezados gestores das escolas de educação infantil,

Escrevo essa carta com o intuito de questionar e dialogar a respeito dessa realidade: sobre as escolas de educação infantil. Junto a ela, desabafos e provocações, mas espero que você entenda...

Tenho o direito de ter raiva, de manifestá-la, de tê-la como motivação para minha briga tal qual tenho o direito de amar, de expressar meu amor ao mundo, de tê-lo como motivação de minha briga porque, histórico, vivo a História como tempo de possibilidade não de determinação. (Freire, 2019, p. 30)

Primeiro, pergunto: qual o entendimento de infância da sua escola?

Eu não quero palavras bonitas, juro. Quero dissertar sobre a realidade concreta. Refletir sobre a ação, como ensina Freire.

Continuo: Como são as chamadas salas de referência? Seriam iguais as salas de aula (talvez numa versão infantil)?

¹⁸ Gabriela Pinheiro Slaviero, graduada em Serviço Social e Licenciatura em Pedagogia. Atuação em projetos sociais e comunitários. E-mail: goslaviero@gmail.com

Quanto tempo as crianças ficam na sala? Elas têm tempo de pátio? Qual a diferença desses momentos com o recreio, das escolas de ensino fundamental e médio?

Às vezes eu acho que o ritmo é o mesmo. Um início de preparação - para uma educação bancária.

As crianças, na sua escola, têm de fato, contato com a natureza?

Que acolhimento elas recebem ao chegar? Alguém acolhe as famílias? Como vocês fazem o acolhimento nos momentos de brigas, choros, gritos? Como a escola recomenda isso e como ela ampara os docentes para esses momentos?

Se as crianças são protagonistas, por favor me escreva o que elas protagonizam?

Talvez essa carta esteja sendo feita num momento meio revoltoso e peço desculpas caso soe como rude ou como arrogante. Mas é porque eu aprendi a denunciar as injustiças. E eu juro, eu faço isso por amor. Eu faço com a força da minha esperança.

Porque esperançar é preciso, como também ensina Freire.

Eu questiono a mudança do nome do cantinho do castigo para cantinho do pensamento e ouço a diferença dos discursos.

É que... sabe... eu acho tão doido como essa modernidade pode mudar tanto os nomes das coisas quando elas são ainda as mesmas coisas. Acho doido mudar o discurso, vender mentiras e utilizar-se da mesma prática bancária, conservadora e tradicional.

O mundo ocidental dividiu a teoria da prática e nosso pensamento cai automaticamente nessa configuração. Há de aprender a práxis. A união dos dois. Urgentemente!

A cidade tem sido abalada por notícias de violência física nas escolas de educação infantil. Realmente, isso acontece. Mas é muito mais do que a mídia divulga.

Se ampliarmos nossa noção de violência, para além desse fato, temos diversos outros tipos de violência. Abordo aqui a violência psicológica.

Ah, quantas denúncias teríamos se conseguíssemos provar como tratam as crianças nas escolas...

Uma vez, em uma turma com 13 crianças de idades diferentes (de dois anos à seis anos), senti que precisava desobedecer a professora (mais uma vez nessa vida). A criança mais nova chorava e gritava. A professora de referência dava atividades para as outras e ignorava aquela que gritava. Eu não sei como ela conseguia fazer isso, porque para mim, aquilo era totalmente atordoante. A criança começa a mostrar sinais de que ia vomitar, de tanto chorar. Lembrei dos momentos que fiquei assim e meu coração apertou.

- Posso pegar ele no colo?
- Não, ele tá se acostumando. Logo ele vai parar.

E aquilo continuava. Até ela sair. Quando ela saiu, foi meu alívio. Peguei a criança no colo, falei da saudade. Falei da mamãe e do papai e pelo que pareceu, ele tinha os dois. Acolhi com todo meu carinho, imaginei o sentimento de abandono.

Quando ela voltou, em pouquíssimos minutos, a criança não chorava mais. Mas eu estava com ela carregada na minha anca direita, enquanto ancorava a atividade com os outros, que estavam conseguindo participar. Ela me olhou com uma cara feia e pediu pra eu soltá-lo. Fiz isso com cuidado e falei da atividade em forma de brincadeira. Tudo ficou bem.

Por isso peço sobre acolhida. Negar um colo? Deixar chorar até vomitar? Deixar na sala sem pátio por que não se comportou?

Que tipo de comportamento é esse?

Os gritos das professoras, os pátios vazios, as salas cheias. Algumas escolas podem vender bem, mas que bom que não deixam as famílias entrarem ou participarem, porque veriam o terror que é. Eu já trabalhei e estagiei em algumas assim. Já sai chorando. Já pensei em desistir, porque mesmo amando a educação e a infância eu odiei esse mercado.

Sabe de uma coisa? Eu odeio E.V.A.

Não é um produto que deveria ser superestimado na nossa prática profissional. Não é biodegradável, pode demorar até 400 anos para se decompor, estraga fácil, fica sujo fácil, fica fedido e mofado.

Como vocês usam o E.V.A. nas suas escolas?

E os gritos dos adultos? Me escreva a verdade, acontece muito?

Os adultos ainda viram crianças, querendo que as crianças se comportem como adultos?

Brigam, gritam, fazem birra e ficam maltratando ou usando palavras pejorativas para aquela criança?

Um dia, um menino de dois anos bateram em outro e eu ouvi uma professora falar: ele é MALVADO.

Aquilo me doeu tanto.

Cada sorriso, gesto de carinho que aquela criança expressou até o fim do dia me fazia lembrar dessa frase: ele é MALVADO.

Por que os adultos são tão cruéis com as crianças? Por que não se responsabilizam pelas suas próprias emoções?

Por que grande parte das coordenações pedagógicas limitam o trabalho pedagógico em uma apostila? Isso não faz sentido algum! Muito menos na educação infantil!

Sua escola usa apostila? Fale a verdade.

Tá, as crianças não usam (resposta padrão).

Mas a professora tem que usar? Tem que fazer aqueles trabalhos de folhinha?

Na avaliação, vocês usam pareceres com texto padrão? Mudam o nome da criança e seu critério de avaliação e mexem assim, num texto padrão?

Eu já li quinze textos praticamente iguais.

- Mas é um parecer pedagógico, não um boletim!

Mentira! Tem muito boletim em forma de texto.

Isso não é justo, você concorda? Você concorda que isso não trata a criança como um ser único, respeitado, tendo um olhar atento no que ela, simplesmente, é?

Para referenciar um pouco do que eu penso: sobre violência, indico Judith Butler; sobre infância, indico Maturana; sobre educação, indico Freire; sobre avaliação, indico poesias e as diversas ferramentas das pedagogias liberais (Montessori, Reggio Emilia, Waldorf). Essas últimas possuem ferramentas que podem ser incríveis, sobre ambientes,

organização, respeito e avaliação. Mas há de estudar. E a de misturar. De fazer os encontros necessários, entre tantas vertentes da educação e das ciências humanas.

Se precisar de ajuda, me chama. Eu estou sempre disposta. Já errei tanto, mas tanto, que já não me importa mais meus erros. O que vale são minhas aprendizagens.

Venceremos a(s) necessária(s) mudança(s)!

“O amor é uma intercomunicação íntima de duas consciências que se respeitam. Cada um tem o outro como sujeito de seu amor. Não se trata de apropriar-se do outro.” (Freire, 1982, p. 25).



CARTA-RESPOSTA: À EDUCADORA QUE ESCREVE, ENCHARCADA DE REVOLTA E AMOROSIDADE

Querida Gabriela!

Seu relato em forma de carta é emocionante. Conseguimos compreender com riqueza de detalhes a educadora que escreve, encharcada de revolta e amorosidade em relação ao cotidiano, por vezes, massacrante da Educação Infantil. De uma educadora que acolhe, com afeto, com respeito, que chama para si a responsabilidade educativa, política e social com o outro. E que, ao mesmo tempo, não está preocupada com o erro, porque já comprehendeu que ele é processo de aprendizagem, no sentido freiriano do seu inacabamento.

Uma educadora que questiona seus colegas de profissão, que provoca o diálogo sobre suas práticas e condutas.

A revolta é nosso combustível social para as tão importantes transformações necessárias de nosso tempo, somada a ousadia de se constituir resistência e luta cotidiana. Por esse motivo a revolta é potência histórica. Freire, em seu último livro, este em formato de cartas, encontrava-se indignado com o mundo. Esse compilado de publicação póstumas deu origem à obra “Pedagogia da Indignação”, a qual dialoga muito com sua carta.

A indignação como parte das emoções que constituem o humano, corrobora para a percepção do ético e do justo, e na construção de valores. Freire, não abordava a indignação como um sentimento de ódio, sua compreensão era conduzida pela inquietude dos seres humanos, onde pode residir o compromisso amoroso com o outro e com a humanidade. O exercício da docência, ancorada no pensamento crítico-reflexivo, nos provoca o desacomodar-se, essa mistura de amor e revolta que você aborda, em constante prática de desalienação.

Concordamos com você que na atualidade incorporamos novas denominações, para velhas práticas. Mas afinal, o que de fato construímos de novo, como forma de superação das relações entre opressores e oprimidos? Há verdadeiramente um projeto de futuro para a sociedade e para a educação? Essas, com certeza, não são respostas simples, mas extremamente necessárias que as façamos como um exercício permanente de reflexão. Há uma complexidade enorme de possíveis respostas, mas todas elas passam pela capacidade coletiva da humanidade encontrar novas saídas para antigos problemas. Por esse motivo Gabi, te convidamos para que siga estudando/pesquisando/construindo importantes reflexões, como as que você já vem realizando. E que essas possam ser seu antídoto diário para a realização da sua práxis enquanto uma potente educadora, que aqui reconhecemos.

Abraços Freirianos

Com carinho,

Andréa e Nilda



O DIÁLOGO POSTO EM REFLEXÃO: A LINHA, A AGULHA, O TECIDO E A MÃO

Cristina Benedetti¹⁹

"Chegou à costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana - para dar a isto uma cor poética."

(Contos Consagrados - Machado de Assis)

Querida Comunidade Educacional chamada Humanidade,

É com entusiasmo e comprometimento que compartilho convosco algumas reflexões. Ao longo de minha jornada acadêmica, prática educacional e formação humana, tenho dedicado considerável tempo à reflexão sobre o papel crucial do diálogo na construção de uma educação respeitosa, libertadora e transformadora. Nesta carta pedagógica, compartilho percepções inspiradas pelas ideias de Paulo Freire, especialmente expressas em sua obra "*Pedagogia do Oprimido*", pois percebo que o diálogo transcende meramente a troca de palavras, ele emerge como a essência transformadora das relações no contexto educacional.

¹⁹ Formada em Letras-Inglês pela Universidade de Caxias do Sul, atualmente mestranda em Educação também pela UCS. Atua como professora de Língua Inglesa na escola CETEC Fundamental e como coordenadora pedagógica na EVNEX English Education.

Freire (2014), ao enfatizar a importância do diálogo, destaca que a verdadeira educação não pode ser imposta de cima para baixo, como um depósito de conhecimento no aluno, mas deve ser uma prática libertadora, um ato de aprendizagem entre professor e aluno, em que a verdadeira educação é um ato colaborativo, onde juntos, exploram e constroem saberes significativos. Nesse sentido, o diálogo se revela como uma ponte para a compreensão mútua, onde o educador e o educando participam ativamente na construção do conhecimento. Ainda nesse contexto, a sala de aula se torna um espaço de troca, onde as vozes de todos são ouvidas e valorizadas. Importante ressaltar que esse ato de amor ao educar pela dialogicidade não deve ser confundido com permissividade de postura arrogante, falta de respeito ou limites da parte dos estudantes para com os educadores, e muito menos da parte dos educadores para com os educandos.

O fato de se propor uma educação dialógica pressupõe, por parte dos estudantes, a compreensão sensata das hierarquias. Não me refiro a isso no sentido negativo de autoritarismo, mas no sentido de honra e consideração para com aqueles que trilham suas jornadas de aprendizado a mais tempo, o que lhes propicia maior experiência de vida e conselhos mais sábios, nesse caso os educadores. O contrário também é verdadeiro, pois pressupõe-se que os educadores ao educar pelo diálogo, tenham a sensatez de perceber as fronteiras, ainda que por vezes possam parecer borradadas. Me refiro aos momentos em que nem sempre as opiniões dos educandos devem ser acatadas. Obviamente, devem ser ouvidas e consideradas, mas por vezes, o professor pela experiência e visão mais ampla das situações, precisa tomar as decisões, o que inclusive pode levar a construção da confiança em meio ao diálogo. Dou-lhes um exemplo: se os estudantes opinam dizendo que pular por cima da fogueira é sinal de coragem. É salutar que o educador os ouça e permita que eles se expressem, porém é também imprescindível que utilize de sua posição de autoridade (não de autoritarismo), esclarecendo os riscos de tal ato e as concepções equivocadas de coragem, por exemplo. Surgiria assim, um momento ímpar para a dialogicidade, em que o professor pode compartilhar suas experiências de vida relacionadas ao tema emergente, mas também pode ouvir as histórias dos estudantes e mapear as raízes dessas concepções e opiniões sobre coragem, que por vezes estão equivocadas. É uma oportunidade para

transformar (pré)conceitos ao educar, mas sem imposição, só pelo diálogo.

Entendem? Não se trata do 8 ou do 80. Reflito aqui sobre encontrar o meio termo, onde não necessariamente é preciso abrir do velho em nome do novo ou abrir mão do novo em nome do saudosismo. Pois nem tudo é tão ruim que não se possa aprender nada, afinal, mentes abertas ao diálogo encontram oportunidades em tudo. Entendo que o diálogo é a linha que costura as gerações, os educadores são as agulhas, os educandos são os tecidos e a vida é mão que faz tudo acontecer. Essa metáfora emergiu em meus pensamentos ao refletir sobre a obra de Freire, a Pedagogia do Oprimido, que inclusive não se limita somente ao ambiente escolar, mas vai além de seus muros, o que me ajudou a perceber que o educar pelo diálogo não se restringe somente à sala de aula. Emergiu também ao analisar a realidade atual da humanidade e ao desejar um mundo mais compreensivo e tolerante. E isso não é possível sem uma boa relação de diálogo entre as gerações, sejam entre educadores e educandos, pais e filhos, empregadores e empregados, enfim, em todas as esferas da sociedade que vocês possam lembrar, o diálogo pode transformar. Com essa metáfora anseio transmitir uma mensagem sobre a importância do diálogo na relação entre gerações, especialmente no contexto educacional, mas que não deve ser compreendido aqui como apenas escolar, pois onde há pessoas, há possibilidade de processos educativos, inclusive em esferas não formais de escolarização.

No meu entendimento o diálogo pode ser comparado à linha porque une as gerações. Assim como a linha é essencial para costurar tecidos, o diálogo é fundamental para criar conexões e compreensão entre diferentes grupos de pessoas. Os educadores são como as agulhas, pois essas são instrumentos essenciais para costurar, assim como os educadores desempenham um papel crucial na formação e na orientação dos educandos, guiando o processo educacional. Os educandos são como os tecidos. Eles são os elementos que, por meio do diálogo e da orientação dos educadores, são formados e desenvolvidos.

Os tecidos/educandos representam a matéria-prima fundamental para a composição da tapeçaria da humanidade. A vida, por sua vez, é personificada como a mão que realiza a ação de costurar. Isso sugere que, em sua complexidade e diversidade, é a força motriz por

trás de todo o processo. As experiências, desafios e interações da vida são elementos que perpassam a educação e as relações entre as gerações.

Portanto, alicerçada nas ideias de Freire, percebo que o diálogo não é apenas uma ferramenta pedagógica, mas um princípio de vida que permeia toda a educação, seja ela formal ou informal. É a linha que costura e conecta os diversos atores do cenário educacional, promovendo a consciência crítica, a participação ativa e a construção coletiva do conhecimento. À medida que incorporo esses princípios, contribuo para a formação de cidadãos capazes de transformar não apenas a si mesmos, mas também a sociedade em que estão inseridos. Em resumo, esta carta pedagógica é um convite à reflexão e à ação. Convido a todos os membros desta grande comunidade educacional chamada humanidade, a abraçarem o diálogo como força motriz de nossas práticas, a cultivarem parcerias significativas e a promoverem uma relação respeitosa, empática e amorosa. Juntos, podemos construir ambientes educacionais onde o diálogo não seja apenas uma ferramenta, mas a própria essência de uma educação que liberta e transforma.

Com estima pedagógica,
Cristina Benedetti



CARTA-RESPOSTA: O DIÁLOGO COMO FIO CONDUTOR QUE TECE UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA

Querida Cris!

Você dá ênfase na escrita de sua carta ao diálogo em Freire. Uma importante categoria no desenvolvimento de sua pedagogia, na qual, segundo o autor, se exercida com a devida profundidade, modifica radicalmente as relações entre educando-educador, e todas as práticas de ensino e de aprendizagem. Como você bem menciona, o diálogo representa muito mais que uma ferramenta pedagógica, é uma forma de ser e estar no mundo, nesta nossa grande comunidade educativa e educadora, a humanidade.

Freire apresenta na Pedagogia do Oprimido, que o diálogo/dialogicidade é a possibilidade de olharmos para o mundo expressando a nossa palavra, na disponibilidade da comunicação respeitosa, acolhedora e problematizadora. A dialogicidade como uma proposta horizontal entre educadores-educandos. A elaboração proposta por Freire para a educação, é sem dúvida a quebra de um paradigma na relação entre professor-aluno da educação bancária e verticalizada.

As formas de linguagem e a abertura para o diálogo sempre serão uma prerrogativa para uma educação que se coloque na dimensão de nutrir conhecimentos em comunhão, na vocação de ser mais e na esperança. No diálogo problematizador que (des)oculta a realidade mistificada.

A metáfora que você se utiliza “Entendo que o diálogo é a linha que costura as gerações, os educadores são as agulhas, os educandos são os tecidos e a vida é mão que faz tudo acontecer”, expressa de uma forma poética os desafios da construção das novas gerações, desde já, mediadas pelo olhar atento e dialógico compromissado dos educadores. Ou melhor, de todos os sujeitos imbricados no desejo de transformar as relações entre oprimidos-opressores.

Agradecemos sua dedicada participação na realização desse minicurso e de todas as contribuições feitas. E que os escritos de Freire possam continuar iluminando suas práticas e reflexões.

*Abraços Freirianos
Com carinho,*

Andréa e Nilda



MANDALA DE PAULO FREIRE

Paola Monteiro de Barros

No princípio não havia nada
nem luz, nem escuridão, nem som nem silêncio
somente o tempo habitando o espaço
então uma explosão aconteceu
milhares e milhares de átomos se espalharam
debatendo-se e encontrando-se e agrupando-se deram origem ao
universo

deram origem às galáxias e às estrelas
deram origem ao sol, centro do nosso sistema
deram origem aos planetas
entre eles a Terra, nosso planeta natal, com seus dois polos cobertos
de gelo

foi na terra que surgiu a vida
desde as misteriosas águas vivas, que habitam os mares com suas
cores cintilantes
até a simples e frágil borboleta, que voa nas tardes de primavera
e foi no planeta terra que surgiu o homem
simbolizado pela flor de lótus, que representa a consciência hu-
mana de sua incompletude e busca em ser mais

com o trabalho, intrínseco ao seu ser e estar no mundo, o homem
agiou sobre a natureza
criou os tambores, enchendo o mundo de música, fazendo dançar
os corpos
e junto com a palavra transmitiu sua história ao redor das fogueiras
e rodas, de geração em geração
o homem criou a roda, construindo novas formas de tecnologia
modificando com seu trabalho o mundo ao seu redor
mas o homem, em algum momento de desconexão consigo mesmo
e com o outro, se perdeu de sua vocação

Então criou os impérios
reis e rainhas que exploraram e oprimiram os homens da terra
surgiram os senhores do capital, que invadiram e dominaram povos
e culturas

e o homem se perdeu de si e do próximo, dividindo-se
entre os que querem a vida e os que desejam a morte
biófilos e necrófilos
oprimidos e opressores
trabalhadores e exploradores
entre a esperança e o medo

a ampulheta implacável que rege a vida derrama as areias do tempo
e chama à luta os oprimidos
para que se libertem e libertem os opressores

em um mundo desequilibrado, a natureza entra em fúria
vulcões em erupção mudam a paisagem da terra
maremotos devastam costas e varrem cidades
o aquecimento global derrete os polos do planeta
a natureza entra em colapso

tudo volta ao seu início
um grande e aterrador vazio...

Mas os oprimidos, que esperançaram pela vida, serão convidados
para sua última viagem e serão resgatados e levados para outro lu-
gar por um disco voador.



PAULO FREIRE: SEMPRE É TEMPO DE CONHECER!

Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli²⁰

Prezado Professor Paulo Freire,

Início esta carta expressando a minha satisfação em conhecê-lo. Não faz muito tempo admito, a minha formação acadêmica não cruzava o caminho das suas palavras, tangenciava apenas, quando esbarrava em epígrafes ou frases soltas, que hoje me ponho a refletir se de fato eram compreendidas até mesmo por quem as citava.

Lembro que a primeira frase que me chamou a atenção na sua obra foi sobre a alegria na prática educativa. Na sua Pedagogia da Autonomia, você nos lembra que “ensinar exige alegria e esperança” (2019, p. 70). Quando li aquele capítulo da obra, me senti acolhida. Me vem à mente a letra da música Sampa e assim como Caetano Veloso chega à cidade de São Paulo, afirmando que alguma coisa acontecia em seu coração ao cruzar as avenidas da cidade, mesmo que ainda nada entendesse daquela realidade na chegada... também eu me vi tocada pelas suas palavras professor Paulo, porque a docência sempre busquei exercer com alegria e esperança, embora não houvesse para mim

²⁰ Doutoranda em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Caxias do Sul, contemplada com fomento para afastamento para qualificação.

E-mail: maria.pizzoli@caxias.ifrs.edu.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9571-4115>.

naquele momento “a tua completa tradução”, alguma coisa acontecia no meu coração...

Depois, com o acirramento das disputas político-partidárias e a polarização descortinada no país, com ataques a sua pessoa e ao seu “método”, uma dúvida me vinha à mente: Por que esse homem - que eu assistia de falas sempre tão serenas e educadas, e suas ideias de uma educação para todas as pessoas, em especial para aquelas oprimidas e esquecidas, era alvo de tantos ataques? Por que incomodava-lhes tanto?

Mais tarde, lendo suas Cartas à Cristina (Freire, 2021a), quando pude me inteirar um pouco sobre a sua trajetória de vida, comecei a compreender o quanto fora sofrido lutar pelos oprimidos. Me parecia, no entanto, que a dureza daquele tempo ficara no passado, posto que vivemos num estado democrático de direito, conquistado a duras penas, é bem verdade, por tantas pessoas que se foram do país, e outras tantas que foram varridas desta terra, sem direito a fala, defesa, escolha ou despedida... Tem razão Leonardo Boff quando diz que “A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam.” (2005, p. 9), porque só mais tarde me dei conta de que a opressão é feito erva daninha, à espera de um solo fértil, bastando quem se disponha a cultivá-lo. E sim, há muitos que se interessam em cultivar a opressão e é a esses que você tanto incomoda. Para quem uma parcela da população simplesmente está no mundo, como mera espectadora, como receptáculo, e não com o mundo, como capaz de recriar a sua realidade (Freire, 2022). Como gostar e respeitar um Paulo Freire que fala de uma educação para o *ser mais*? De uma educação emancipatória e humanizadora?

Uma professora da educação popular, amiga que a vida me trouxe pelas vias do doutorado, me disse certa vez que as pessoas tendem a romantizar Paulo Freire, que a Pedagogia do Oprimido desnuda a opressão e as lutas daqueles que ao darem-se conta do processo e de quem os fazem “ser menos”, cedo ou tarde se voltarão contra os opressores. Estarei fazendo uso de lentes cor-de-rosa, a romantizar as suas palavras, professor Paulo Freire? Sinceramente, não sei dizer, mas é sim uma possibilidade. A minha postura conciliadora (e não de embate), que eu sempre vi como uma das minhas qualidades, porque entendo que é possível buscar o entendimento, seria tão somente resultado de uma educação influenciada pela formação católica (amar,

temer e perdoar), para o trabalho (sem sacrifício não se ganha o céu) e neoliberalista (meritocrática)? Onde fica então a alegria e a esperança de uma educação que possa tornar o mundo um lugar digno e melhor? Creio que somente um estudo mais aprofundado das suas obras poderá me oferecer mais clareza, reconheço que careço aprofundar meus estudos.

Preciso ainda dizer, professor Paulo, que quando li na sua Pedagogia da Indignação, a terceira carta (2021b, p. 76), aquela sobre o assassinato de Galdino Jesus dos Santos, quando você diz “Tocaram fogo no corpo do índio como quem queima uma inutilidade. Um trapo imprestável. Para sua crueldade e seu gosto da morte, o índio não era um *tu* ou um *ele*. Era um *aquilo, aquela coisa ali*.”, senti um aperto no meu coração. Além da crueldade do fato em si, praticado por adolescentes e que chocou o país, numa época em que era eu também uma adolescente, me dei conta que decorridas quase três décadas, vemos acontecer semelhantes fatos bárbaros, diariamente, contra mulheres, crianças, dissidentes sexuais e de gênero, e outras populações oprimidas, tanto mais frequente quanto mais os marcadores sociais se interseccionam, transformando vidas em abjeção. Um misto de tristeza e esperança me invade, tristeza porque parece que a educação, assim como essas vidas, resta frequentemente coisificada, forçada à objetificação para a manutenção do *status quo*. Esperança porque acredito que, apesar de tantos ataques, é também na educação que encontramos possibilidades para um mundo melhor, retornando às suas palavras sobre a alegria e a esperança ao educar. “A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos resistir aos obstáculos a nossa alegria” (2019, p.70). Será que essas seriam suas palavras ainda hoje, professor Paulo Freire?

Ao encerrar essa breve carta, preciso dizer da alegria de conhecê-lo, apesar de um tanto tardiamente. Mas, se é verdade que as coisas acontecem no momento certo, esse é o meu tempo, nem antes, nem mais tarde.

Prazer em conhecer e obrigada Professor Paulo Freire!

Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli



CARTA-RESPOSTA: POR UMA EDUCAÇÃO DE CORPO INTEIRO

“Gente quer comer, gente quer ser feliz
Gente quer respirar ar pelo nariz
Não, meu nego, não traia nunca essa força, não
Essa força que mora em seu coração
Gente lavando roupa, amassando pão
Gente pobre arrancando a vida com a mão
No coração da mata, gente quer prosseguir
Quer durar, quer crescer, gente quer luzir
Gente é pra brilhar
Não pra morrer de fome”
(Artista: Caetano Veloso, música Gente, Álbum Bicho, 1997)
Querida Maria de Fátima!

Quantas camadas expressadas em sua carta. A leitura fluida e testemunhal que você propõe, nos convoca a mergulhar em profunda reflexão. Caetano Veloso, construtor de uma obra prima da Música Popular Brasileira, descreve com primazia a pluralidade do nosso país, e os contornos da nossa ‘gente’. Quando você aproxima ‘Sampa’, essa linda canção, em homenagem a cidade de São Paulo, ao seu próprio encontro com a pedagogia de Paulo Freire, de imediato uma outra belíssima letra de Caetano vem à memória, pensando essa aproximação do cantor popular e do educador popular, em que ambos retratam as ‘coisas do nosso país’.

A epígrafe que abre essa carta-resposta, da canção Gente de Caetano, diz muito sobre a maior parte do nosso povo. Essa gente que

quer ser feliz, de uma força cotidiana extraordinária. De gente pobre arrancando a vida com a mão, de vida comum que brilha com a própria luz. Os trechos dessa canção combinam muito bem com as primeiras palavras da obra ‘Sobre a Sombra dessa Mangueira’ de Paulo Freire, do menino nascido em Recife, em uma geração que cresceu em quintais, em terreiros de chão batido, em íntima relação com a natureza. Nessa obra que Freire relata um pouco de sua meninice, de uma vida simples, é possível aproximar-a da vida de muita gente.

Na Sombra dessa Mangueira publicada em 1995, o autor aborda o neoliberalismo, fenômeno ainda recente na análise dos estudiosos do Brasil. Na ocasião, não deixa de sublinhar o quanto as formas de dominação encontram-se a cada momento mais elaboradas nos processos de espoliação em nosso capitalismo periférico e dependente, e de nossa incapacidade de analisar de forma mais profunda o impacto dessa nova fase de ofensiva.

Correlacionando a canção de Caetano e o fragmento da obra de Freire (2019, p 72), sobre a fome no Brasil, destacamos: “O intelectual brasileiro que afirma, por exemplo, que o tema fundamental de hoje já não é o trabalho, mas o lazer, lida com a realidade em que trinta e três em cento e cinquenta milhões de brasileiros e brasileiras morrem de fome...”. Passados quase trinta anos da escrita dessa obra e da canção de Caetano, que semelhanças continuam sendo produzidas? Infelizmente, a fome é uma realidade que persiste. Segundo dados recentes do IBGE cerca de 64 milhões de pessoas no país vivem em situação de insegurança alimentar.

Freire, na ocasião da escrita desse livro, debatia o quanto era necessário, mais do que nunca, a realização de um trabalho sério e comprometido com a pesquisa minuciosa de reflexão do poder da dominação. Indicava que os intelectuais progressistas, portanto, também os professores, como parte da força intelectual de nosso país, deveriam apropriar-se dessa nova dimensão das forças produtivas correntes da fase neoliberal, que produzem com ainda mais requinte o domínio da informação e da comunicação. Esse anúncio produzido por Freire, ganha uma proporção ainda maior, principalmente, nos últimos dez anos, onde presenciamos uma infinidade de produção de notícias falsas nas mídias sociais, em decorrência da ascensão da extrema-direita e do pensamento conservador, que busca retomar a

direção da política e da economia. O próprio pensamento de Paulo Freire vira alvo de mentiras e perseguição política a todas e a todos que se vinculam em alguma dimensão à práxis da Educação Popular.

Finalizamos essa carta com dois pontos que você aborda, sobre a visão materialista do mundo e a romantização do legado de Paulo Freire. Ambas nos parecem estar em conexão, justamente pelo fato de retirarem do arcabouço teórico e metodológico de Freire, sua radicalidade, a apropriação do materialismo dialético para o desenvolvimento de sua pedagogia. Quando você apresenta a citação do Leonardo Boff, ela expressa em si, os fundamentos do pensamento materialista desenvolvido por Karl Marx e Friedrich Engels. As provocações oriundas de sua reflexão, nos convocou a reler as Teses de Feuerbach e a posição dos autores que nos apêndices da obra Ideologia Alemã de 1846, defendem uma posição da qual a consciência humana é determinada pela realidade social – ou seja, nossa compreensão sobre o mundo se forja onde nossos pés pisam.

Freire imbuído desse pensamento, e de uma escrita recheada de boniteza, afirma: “Conheço com meu corpo todo, sentimento, paixão. Razão também”. (Freire, 2019, p.28). Essa é uma posição que nos remete a refletir a importância da obra de Paulo Freire para as teorias educacionais no desdobramento das práticas pedagógicas desenvolvidas na educação brasileira, em uma posição radical. Na vasta produção de sua obra há uma centralidade de vivenciar a educação de corpo inteiro, mediada pela realidade social, de reflexão crítica e que se comprometa com todas as formas de exploração e opressão. Por esse motivo, podemos afirmar que Paulo Freire sempre será uma grande ameaça para a classe dominante.

Nosso desejo é que possamos, em diálogo, continuar as tantas questões que ainda carecem de aprofundamento.

*Abraços Freirianos
Com carinho,*

Andréa e Nilda



REFERÊNCIAS

BELCHIOR, Antônio. **Como nossos pais.** Local: Philips Records, 1976.

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana.** 42.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

CÂMARA DOS VEREADORES DE CAXIAS DO SUL (RS). **Inspiração Popular: Legislativo e Movimento Comunitário em Caxias do Sul (1963-2023).** Caxias do Sul, RS, 2024.

COELHO, Paulo & SEIXAS, Raul. **Sociedade Alternativa.** Local: Philips Records, 1974.

FREIRE, Madalena. **Da paixão de aprender à paixão de ensinar.** Revista Aleph. Rio de Janeiro, nº 38, 2022

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a Pedagogia do oprimido. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

_____. **A educação na cidade.** São Paulo: Editora Cortez, 2001.

_____. **À sombra desta mangueira.** [recurso eletrônico]. 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 2015

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 58 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

_____. **Cartas a Cristina:** reflexões sobre minha vida e minha práxis. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

_____. **Pedagogia da indignação.** 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021

_____. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

_____. **Política e Educação.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022. 84 ed.

FREIRE, Paulo; HORTON, Myles. **O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social.** Petrópolis: Vozes, 2003.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Carta sobre Cartas Pedagógicas: homenagem a Paulo Freire no ano do centenário de seu nascimento.** Cadernos De Educação, n. 65, 2021.

LISPECTOR, C. **As três experiências.** Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MOREIRA, Carlos Eduardo. Emancipação. In STRECK, Danilo R., Redin, Euclides & ZITKOSKI, Jaimé José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire.** 2. ed., rev. amp. 1. reimpr. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

VELOSO, Caetano. **Sampa.** Compositor: Caetano Veloso. Philipis, 1978.

SAUL, Ana Maria & SAUL, Alexandre. Contribuições de Paulo Freire para a formação de educadores: fundamentos e práticas de um paradigma contra hegemônico. **Educar em Revista**, n°61, Curitiba, 2016.

TORRES, Carlos Alberto. **Fundamentos teóricos e empíricos da educação para a cidadania global crítica.** Caxias do Sul, RS: Educs, 2023.

ÍNDICE REMISSIVO

A

ação, 7, 18, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 54, 60, 69, 75, 84, 85
ação dialógica, 7
amorosidade, 17, 26, 80
aprendizagem, 36, 48, 80, 83, 86
ativa, 6, 43, 85
autonomia, 36, 54, 55, 96

B

base, 16, 31, 55, 74

C

círculo, 5
coerência, 18, 55
coletiva, 61, 62, 64, 72, 81, 85
coletividade, 54, 61, 62, 64
comunicação, 5, 86, 94
comunidade, 85, 86
consciência crítica, 6, 18, 19, 54, 85
conscientização, 6, 7, 17, 18, 34, 40, 43, 44, 49, 71
contexto, 6, 15, 19, 35, 36, 41, 55, 56, 61, 82, 83, 84
contradição, 24, 25, 26, 27, 31, 61

crítica, 6, 19, 36, 37, 40, 44, 50, 51, 55, 56, 71, 95, 97
cuidado, 2
cultura, 6, 16, 63, 67, 68, 69
cultural, 19, 48, 53, 69

D

dados, 2
desafios, 6, 50, 57, 64, 73, 85, 87
desenvolvimento, 46, 64, 86, 95
diálogo, 5, 6, 7, 15, 17, 26, 29, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 43, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 65, 71, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 95
direitos, 2
diversidade, 6, 54, 63, 84
docente, 24, 71

E

educação, 6, 7, 15, 16, 18, 19, 20, 23, 24, 27, 28, 29, 33, 34, 35, 36, 39, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 59, 61, 62, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 81, 82, 83, 85, 86, 91, 92, 93, 95, 96, 97
educação bancária, 6, 36, 50, 54, 71, 76, 86
educacionais, 6, 50, 85, 95

educacional, 15, 49, 50, 52, 73, 82, 84, 85
educadora, 29, 50, 51, 80, 81, 86
educativa, 18, 36, 39, 55, 69, 71, 80, 86, 90, 96
ensino, 36, 59, 64, 68, 74, 76, 86
ética, 17, 18, 36

F

formação, 5, 7, 16, 51, 52, 53, 58, 64, 65, 72, 74, 82, 84, 85, 90, 91, 97
fundamentos, 6, 34, 38, 54, 95, 97

H

histórica, 19, 28, 38, 53, 80
humanização, 25, 32, 34, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60
humano, 18, 24, 25, 29, 37, 81
humanos, 18, 32, 45, 53, 57, 58, 81

J

justiça, 47, 48, 56, 60, 63

L

libertadora, 6, 15, 16, 18, 24, 25, 27, 28, 36, 42, 44, 45, 48, 50, 61, 63, 71, 82, 83, 86
liderança, 42, 43, 44

M

movimentos, 7, 15, 22

O

oprimido, 18, 19, 27, 32, 42, 43, 44, 45, 48, 96

oprimidos, 6, 7, 17, 19, 26, 27, 30, 45, 49, 54, 60, 61, 69, 70, 71, 81, 87, 91

P

participação, 5, 6, 15, 39, 46, 52, 55, 64, 65, 85, 87
pedagogia, 6, 30, 38, 48, 51, 54, 55, 61, 86, 93, 95
pedagógica, 7, 22, 40, 41, 49, 69, 82, 85, 86
perspectiva, 6, 16, 19, 36, 37, 38, 50, 51, 55
poder, 25, 27, 43, 60, 61, 94
política, 16, 19, 36, 40, 46, 54, 55, 56, 59, 74, 80, 95
popular, 6, 42, 55, 56, 62, 67, 68, 69, 91, 93
populares, 18, 55, 64, 70
processo, 2, 4

R

realidade, 16, 17, 19, 20, 24, 25, 26, 27, 31, 36, 40, 43, 44, 47, 52, 53, 54, 60, 61, 62, 75, 84, 86, 90, 91, 94, 95
reflexão, 6, 7, 18, 25, 26, 29, 39, 42, 43, 45, 50, 54, 58, 60, 62, 71, 73, 81, 82, 85, 93, 94, 95
relação, 6, 17, 18, 29, 40, 43, 48, 50, 51, 54, 55, 57, 61, 62, 80, 84, 85, 86, 94
relações, 6, 18, 25, 38, 40, 41, 45, 54, 55, 57, 58, 81, 82, 85, 86, 87
responsabilidade, 2, 24, 46, 50, 51, 80
Revisão, 4

S

saberes, 38, 47, 49, 55, 71, 72, 83, 96
significativa, 50, 51, 59
sistema, 2, 25, 54, 58, 60, 67, 74
sociais, 15, 40, 50, 54, 59, 61, 62, 75, 92, 94
social, 6, 7, 18, 34, 46, 50, 53, 55, 56, 60, 63, 67, 69, 71, 80, 95, 97
sociedade, 24, 30, 36, 37, 39, 40, 45, 46, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 67, 72, 81, 84, 85
sujeito, 6, 19, 31, 44, 48, 57, 61, 62, 79

T

transformação, 7, 19, 23, 24, 26, 27, 30, 34, 36, 43, 47, 48, 50, 53, 54, 59, 61, 71
transformadora, 38, 44, 74, 82

U

utopia, 17, 18, 19, 36, 38

V

violência, 31, 34, 60, 76, 78
voz, 25, 67, 68

Z

zona, 31

"A proposta de educação freiriana nos oferece os meios para o enfrentamento da realidade presente, no sentido de um salto epistemológico, para que voltemos a vislumbrar o futuro como esperança e não como determinação, um futuro que não nos negue a possibilidade de ser mais".

Prefácio de Paulo Eduardo Dias Taddei




Diálogo Freiriano
www.dialogofreiriano.com.br

ISBN: 978-65-5203-170-9



9 786552 031709